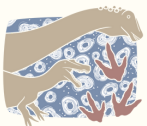


PALEO
NORDESTE

NATAL-RN
2024

LIVRO DE RESUMOS

Realização:



Museu
Câmara
Cascudo

Apoio:

UFERN

PROEX PROPESQ PROGRAD PPG





**NATAL-RN
2024**

Realização:



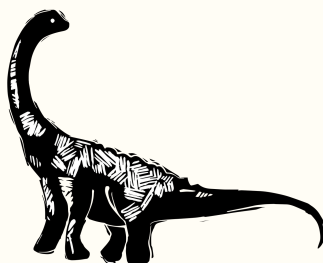
Apoio:



Paleo-NE 2024 [livro eletrônico]: livro de resumos / Organização: Aline Marcele Ghilardi, Tito Aureliano. – Natal, RN. Ed. dos Autores, 2024, 91p. PDF. Vários autores.
Bibliografia.

1.Geociências 2.Biociências 3.Paleontologia I. Ghilardi, Aline Marcele. II. Aureliano, Tito. III. F. de Paiva, Ana Clara. IV. B. Xavier, Juan Henrique. V. A.C.T. de Oliveira, Pedro. VI. S. Reis, Ludimilla Fernanda.

ISBN: 9798301292705



Comissão Organizadora

Aline Marcele Ghilardi (Presidente)
Claude Luiz de Aguiar Santos (Vice-presidente)
Zarah Trindade Gomes (1ª Secretária)
Tito Aureliano (2º Secretário)
Elaine Cristina R. do Nascimento (1ª Tesoureira)
Wagner de F. Alves (2º Tesoureiro)

Ana Clara Fonseca de Paiva
Felipe Eduardo Freire de Melo
Juan Henrique Bueno Xavier
Lívia Pacífico
Ludimilla Fernanda dos Santos Reis
Matheus Pinheiro dos Santos da Rocha
Marciana Leandro de Lima
Nathália Stoppa
Pedro Azeredo Couto Tolipan de Oliveira
Rebecca Fernandes Erickson
Virgínia Silva Maciel
Vitor Porpino Gomes Costa
William Bruno de Souza Almeida

Comissão Científica

Aline Marcele Ghilardi
Ana Clara Fonseca de Paiva
Beatriz Marinho Hörmanseder
Bernardo Vázquez Garcia
Borja Holgado Palacios
Daniel Sedorko
Dionizio Angelo de Moura Júnior
Domingas Maria da Conceição
Edenilson de Sousa
Fresia Soledad Ricardi Torres Branco
Hermínio Ismael de Araújo Júnior
Jairo Gabriel da Silva Nascimento
Juan Henrique Bueno Xavier
Kleberson de Oliveira Porpino
Leonardo Souza Lobo
Luciana Barbosa de Carvalho
Luciana Witovisk
Maria Edelnice Peixoto Batista
Marlone Heliara Hunnig Bom
Maurício Silva Garcia
Patrick Godoi
Pedro Azeredo Couto Tolipan de Oliveira
Pedro Henrique Morais Fonseca
Pedro Victor Buck
Rafaela Santos Chaves
Rodrigo Tinoco Figueroa
Rodrigo Vargas Pêgas
Sandra Aparecida Simionato Tavares
Sandro Marcelo Scheffler
Simone Souza de Moraes
Tatiana Pastro Bartola
Thiago Britto Rodrigues
Tito Aureliano
Valéria Gallo

Apresentação

Este livro de resumos reúne os trabalhos submetidos à 21ª Reunião Anual Regional da Sociedade Brasileira de Paleontologia, Núcleo Nordeste (PaleoNE), edição 2024. Ao todo, são 62 contribuições que abordam diversos temas da Paleontologia e que serão apresentadas entre os dias 5 e 6 de dezembro de 2024, no campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na cidade de Natal-RN.

Com mais de 180 inscritos até o momento da redação deste texto, o evento retorna à Natal-RN após duas décadas, e continua se afirmando como o **maior encontro regional de Paleontologia do Brasil**.

O Nordeste brasileiro é um importante centro de referência para a Paleontologia, reconhecido não apenas nacionalmente, mas internacionalmente pela qualidade e diversidade dos seus fósseis. No entanto, a região ainda enfrenta grandes desafios, especialmente no que se refere à superação dos efeitos de séculos de colonialismo científico, que distorceram a dinâmica dos centros de produção do conhecimento e muitas vezes relegaram ao Nordeste, o papel de mera colônia extrativista de fósseis e talentos.

Este evento foi concebido com o objetivo de fomentar o debate sobre essas questões e contribuir para a transformação desse cenário. A crescente multiplicação de laboratórios de pesquisa em Paleontologia na região, a ampliação do debate sobre os impactos do colonialismo na Ciência — agora embasado em evidências sólidas — e, sobretudo, a formação de uma nova geração de cientistas locais representam nossas maiores esperanças de mudança.

É urgente redefinir a produção científica da região, promovendo uma visão que esteja profundamente conectada às realidades nordestinas e comprometida com a inclusão, a pluralidade e a transformação social.

Dedicamos este livro àqueles que se unem a essa causa, com a expectativa de construir uma Paleontologia renovada e mais justa.

Aline Marcele Ghilardi (Presidente da Paleo-NE 2024)
Natal, 30 de novembro de 2024.



SUMÁRIO

- OSTRACODES E FORAMINÍFEROS DO CRETÁCEO SUPERIOR (CAMPANIANO–MAASTRICHTIANO) DO FURO FD-BP-003, FORMAÇÃO DO JANDAÍRA, BACIA POTIGUAR, BRASIL** 15
E.K.C. ATAÍDE, A.A. NOUCOUCOUK, R.M. MELO, R.J.A. MAIA, E.K. PIOVESAN
- UMA NOVA ESPÉCIE DE *Limnocytheridae* KLIE, 1938 DA FORMAÇÃO BREJO SANTO (JURO-CRETÁCEO), BACIA DO ARARIPE, BRASIL** 16
BC.A. BARROS, L.S. ANTONIETTO, M.L. ASSINE, D.A. DO CARMO
- SEMPRE AMPLIANDO E ATUALIZANDO A *WORLD OSTRACODA DATABASE*** 17
S.N. BRANDÃO, L. S. ANTONIETTO, V.M.M. COSTA, J.N. NASCIMENTO, P.H.M. PEREIRA, S.G.G. PEREIRA, R.A. PRAXEDES, I.R.S. SÁ, H.A.B. SÁ, L.M. SABATER, S.G. SANTOS, A.L.B. SEIXAS, D.K.F. SILVA, E.S.S. SILVA, M.L.C.N. SILVA
- GUIA DE IDENTIFICAÇÃO ONLINE DE *Quasibradleya* BENSON, 1972 (THAEROCYTHERIDAE, OSTRACODA, CRUSTACEA)** 18
V. M. M. COSTA, S.G.G. PEREIRA, S. N. BRANDÃO
- OSTRACODES MARINHOS DO MAASTRICHTIANO, FORMAÇÃO GRAMAME, BACIA PARAÍBA, NORDESTE DO BRASIL** 19
T. LANGER, R.J.A. MAIA, E.C.O. MEDEIROS, R.M. MELO, E.K. PIOVESAN
- FORAMINIFEROS DO AFLORAMENTO CAAPORÃ-PB, FORMAÇÃO GRAMAME MAASTRICHTIANO, BACIA PARAIBA, NORDESTE DO BRASIL** 20
E.C. MEDEIROS, R.M. MELO, A.A. NOUCOUCOUK, G.C.C. MARTINS, E.K. PIOVESAN
- A PRESENÇA DE FORAMINÍFEROS FÓSSEIS NO INTERIOR DO NORDESTE BRASILEIRO: RECENTES DESCOBERTAS, GRANDES DESAFIOS** 21
R.M. MELO, E.K. PIOVESAN, R.J.A. MAIA, E. FRANCO NETO, S.M.O. AGOSTINHO
- CARACTERIZAÇÃO PALEOAMBIENTAL DO CAMPANIANO AO DANIANO (BACIA PARAIBA) BASEADA EM FORAMINÍFEROS** 22
R.M. MELO, S.M.O. AGOSTINHO
- GUIA DE IDENTIFICAÇÃO ONLINE DA FAMÍLIA BYTHOCYTHERIDAE (OSTRACODA, CRUSTACEA)** 23
J.B. NASCIMENTO, M.L.C. N. SILVA, S.N. BRANDÃO
- BIODIVERSIDADE E PALEOBIOGEOGRAFIA DE OSTRACODA (CRUSTACEA) DO PANAMÁ** 24
S.G.G. PEREIRA, R. COLLIN, E. TORRES, I.R.S. SÁ, S.N. BRANDÃO



SUMÁRIO

- REVISÃO TAXONÔMICA E PALEBIOGEOGRAFIA DO GÊNERO *Macrocyprina* TRIEBEL, 1960 (CRUSTACEA, OSTRACODA, MACROCYPRIDIDAE)** 25
E.S.S. SILVA, P.H.M. PEREIRA, S.G.G. PEREIRA, S.N. BRANDÃO
- VERIFICANDO A TAXONOMIA DE ESPÉCIES DE OSTRACODA NA WORLD OSTRACODA DATABASE** 26
I.R.S. SÁ, L.S. ANTONIETTO, S.N. BRANDÃO
- PALEOBIOGEOGRAFIA DO GÊNERO *Bradleya* HORNIBROOK, 1952 (OSTRACODA, CRUSTACEA)** 27
H.A.B. SÁ & S.N. BRANDÃO
- GUIA DE IDENTIFICAÇÃO ONLINE DO GÊNERO *Lankacythere* BHATIA & KUMAR, 1979 (OSTRACODA: CRUSTACEA)** 28
D.K.F. SILVA & S.N. BRANDÃO
- GUIA DE IDENTIFICAÇÃO ONLINE PARA OS GÊNEROS E ESPÉCIES DA FAMÍLIA MACROCYPRIDIDAE (OSTRACODA: CRUSTACEA)** 29
P.H.M. PEREIRA, E.S.S. SILVA, S.N. BRANDÃO
- UMA VIAGEM AO PASSADO: EXPOSIÇÃO DO ACERVO PALEONTOLÓGICO DA UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA COMO INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA** 30
A.L.B.S. BARBOSA, J.B. NASCIMENTO, D.K.F. SILVA, V.M.M. COSTA, E.S.S. SILVA, P.H.M. PEREIRA, S.G.G. PEREIRA, S.N. BRANDÃO
- PEQUENOS EXPLORADORES: DESVENDANDO O PASSADO ATRAVÉS DE PRÁTICAS LÚDICAS EM PALEONTOLOGIA** 31
A.L.B.S. BARBOSA, J.B. NASCIMENTO, A.K.B. SILVA
- DESCOMPLICANDO O PROCESSO DE FOSSILIZAÇÃO DA FORMAÇÃO CRATO DA BACIA SEDIMENTAR DO ARARIPE** 32
M. A. A. CARDOSO, M. C. JUSTINO, R. F. MUNIZ, S. W. S. SANTOS, L. G. FREITAS, L. I. P. NERES
- DA UNIVERSIDADE PARA A COMUNIDADE: A MISSÃO EDUCATIVA DO MUSEU ITINERANTE DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA** 33
N.M. COELHO & P. SUCERQUIA
- “PÃO OU FÓSSIL?” GEOCIÊNCIAS NAS REDES SOCIAIS** 34
B. HÖRMANSEDER & C. M. VELA-ULIAN



SUMÁRIO

PALEONTOLOGY MUSEUM – UMA PROPOSTA DE INTERNACIONALIZAÇÃO
M. C. JUSTINO, M. A. A. CARDOSO, L. G. FREITAS

35

CONTRIBUIÇÃO DAS EXPOSIÇÕES DO MUSEU CÂMARA CASCU DO NA APRENDIZAGEM DE CONCEITOS PALEONTOLÓGICOS
M.L. LIMA, P. GODOI, A.P.L. COSTA

36

AVALIAÇÃO DA ABORDAGEM DA PALEONTOLOGIA NO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DO CEARÁ E NO LIVRO DIDÁTICO DA PNLD 2021-2024
M.H.M. LOURENCO & F.A.C. MONTEIRO

37

EXPLORANDO EQUINODERMOS FÓSSEIS: MODELOS DIDÁTICOS COMO FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE PALEONTOLOGIA NA UFC
E.G. NÓBREGA & M. MENDES

38

CLUBE DA EVOLUÇÃO: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM EVOLUÇÃO E PALEONTOLOGIA
G.L.S. OLIVEIRA, R.F. CEZAR, I.G.D. PEREIRA, M.V.W.S FLORIANO, H.J. SCHMITZ

39

TRUNFO DO MUSEU: “LAGARTOS TERRÍVEIS DO BRASIL!”, CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO SOBRE ESPÉCIES DE DINOSSAUROS BRASILEIROS
M. P. S. ROCHA, C.M.L. MEDEIROS, A. M. GHILARDI

40

TERROR NA PALEONTOLOGIA: ATIVIDADE INTERATIVA NA “NOITE DO MALASSOMBRO” NO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (MHN/UFAL)
V.G. SILVA, J.L.L. SILVA, A.P.L. SILVA, V.M.L. FONSECA, D.M.S. CORREIA, E.O. SANTOS

41

O FÓSSIL COMO PATRIMÔNIO DA UNIÃO: UMA PERSPECTIVA COMPARADA QUANTO A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E ELEMENTOS LEGAIS ESTRANGEIROS
A. P. C. ALBUQUERQUE

42

PALEONTOLOGIA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: O IMPACTO DA HERANÇA FOSSILÍFERA EM SANTANA DO CARIRI - CEARÁ
A.T.O. SALÚ, A. C. D. MATOS, F. P. S. JUNIOR, C.G. DANTAS

43

A FLORESTA FÓSSIL DE MATA: UM ESTUDO DE CASO PARA A IDENTIFICAÇÃO DE BENS PALEONTOLÓGICOS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL
L.P. TROIANO

44



SUMÁRIO

MACRO-CHARCOAL NA FORMAÇÃO CRATO COMO PROXI DA DINÂMICA DE PALEOINCÊNDIOS NO CRETÁCEO INFERIOR DA BACIA DO ARARIPE 45
E.B. MOURA, N.C. OLIVEIRA, A. JASPER, A. A. F. SARAIVA, F. J. LIMA

PALEOMICROLOGIA NO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA 46
E.C.R. NASCIMENTO, A.S.A.A. MONTE, A.M. GHILARDI, B.T. GOTO

ANATOMIA DO CAULE DE UMA POSSÍVEL GNETÓFITA DA FORMAÇÃO CRATO 47
M.I.A. SILVA, D.M. CONCEIÇÃO, M.E.P. BATISTA

GASTRÓPODES COM MARCAS DE RESTAURO NA FORMAÇÃO JANDAÍRA, CRETÁCEO SUPERIOR DA BACIA POTIGUAR 48
W.B.S. ALMEIDA, J.H.B. XAVIER, P.A.C. TOLIPAN, C.L.A. SANTOS

NOVOS REGISTROS DE CURCULIONOIDEA DA FORMAÇÃO CRATO, BACIA DO ARARIPE 49
E.S. ARAÚJO, M.A.P. DINO, N.C. OLIVEIRA, A.P. STORARI, F.J. DE LIMA

COLONIZAÇÃO DE BRIOZOÁRIOS EM RESTOS DE PYCNODONTIFORMES DA FORMAÇÃO JANDAÍRA (TURONIANO - CAMPANIANO), BACIA POTIGUAR 50
V.P.G. COSTA, P.A.C. TOLIPAN, C.L.A. SANTOS, T. AURELIANO, A.M. GHILARDI

AMONOIDES DA BACIA POTIGUAR: ESTADO DA ARTE PRELIMINAR, NOVOS REGISTROS E PERSPECTIVAS FUTURAS 51
J.V. DIONÍSIO, P. TOLIPAN, J.H.B. XAVIER, C.L.A. SANTOS

DISTRIBUIÇÃO PALEOGEOGRÁFICA E EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DE PALAEONTINIDAE (HEMIPTERA, INSECTA) 52
D.R.S. GOMES, E.S. SANTOS, G.G. PINHO, E.B.S. FILHO, A.A.F. SARAIVA

ESTUDO MORFOLÓGICO DAS ESCAMAS DE LEPISOSTEIFORMES DO NEOJURÁSSICO DE PERNAMBUCO (FORMAÇÃO ALIANÇA, BACIA DE JATOBÁ) 53
R.A.M. CARVALHO, M.A.G. DE FRANÇA

NOVAS INFORMAÇÕES SOBRE PYCNODONTIFORMES FÓSSEIS DO SEMI-ÁRIDO: DIVERSIDADE E DISTRIBUIÇÃO DO CLADO NA FORMAÇÃO JANDAÍRA (TURONIANO - CAMPANIANO), BACIA POTIGUAR 54
V.P.G. COSTA, A.M. GHILARDI, T. AURELIANO



SUMÁRIO

APONTAMENTOS SOBRE A DIVERSIDADE E DISTRIBUIÇÃO DOS DIPNOICOS DURANTE O PERMIANO

55

A.E. QUEZADO, H. FRANCISCHINI, J.C. CISNEROS, C.L. SCHULTZ, P. DENTZIEN-DIAS

AVANÇOS NO ESTUDO TAXONÔMICO DE MATERIAIS DE *Mawsonia* (SARCOPTERYGII) DA FORMAÇÃO ALIANÇA (BACIA DE JATOBÁ)

56

M.H.C.T. SILVA, M.A.G. FRANÇA

FOSSIL FISH PROVIDE EVIDENCE OF EUMELANIN FOSSILIZATION

57

G. PRADO, B.B. KERBER, E.P. SILVA, F.L. PINHEIRO, G.L. OSÉS, D. GALANTE, F. RODRIGUES, J.J. DIAS, E.T. SAITTA, I.S. CARVALHO

BIOMECÂNICA DA LOCOMOÇÃO TERRESTRE EM ANHANGUERIDAE E TAPEJARIDAE (PTEROSAURIA, ARCHOSAURIA)

58

B. HORMANSEDER, Y.L.R. LEITE, F.R. COSTA

RECONSTITUIÇÃO DA TEIA TRÓFICA DA COMUNIDADE DE PALEOVERTEBRADOS DA SUBUNIDADE AÇU IV (ALBIANO-CENOMANIANO), BACIA POTIGUAR

59

M.P.S. ROCHA, T. AURELIANO, C.L.A. SANTOS, A. M. GHILARDI

DE VOLTA PRO MEU ACONCHEGO: DESCRIÇÃO DE UM NOVO ESPÉCIME DE LAGARTO FÓSSIL REPATRIADO AO CARIRI CEARENSE

60

E.S. SANTOS, S.C. RIBEIRO, N.C. OLIVEIRA, A.A.F. SARAIVA

DESCRIÇÃO DE UM CRÂNIO PARCIALMENTE PRESERVADO DE PTEROSSAURO ANHANGUERIDAE DA FORMAÇÃO ROMUALDO, BACIA DO ARARIPE

61

D.C. SILVA, G.R. OLIVEIRA

EXPLORANDO PADRÕES DE DENTIÇÃO EM *Ananguera* (PTEROSAURIA, PTERODACTYLOIDEA): O CASO DE MPSC R 1126

62

D.C. SILVA, G.R. OLIVEIRA

FIRST DOCUMENTED FOSSIL FEATHER FROM CODÓ FORMATION (APTIAN), PARNAÍBA BASIN, MARANHÃO STATE, BRAZIL

63

N.M. STOPPA, W.B.S. ALMEIDA, V.P.G. COSTA, C.L.A. SANTOS, A.M. GHILARDI



SUMÁRIO

- DESVENDANDO O MISTÉRIO DA CAVERNA POÇO AZUL (CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL)** 64
L. ALVES-SILVA, R.A. LEONI, F.H.S. BARBOSA, H.I. ARAÚJO-JÚNIOR
- MISTÉRIOS DO PLEISTOCENO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DIMORFISMO SEXUAL EM PÓS-CRÂNIO DE *Notiomastodon platensis* (MAMMALIA, PROBOSCIDEA)** 65
M.L.V. ARAÚJO, D. MOTHÉ, F.A.C. MONTEIRO
- REVISÃO DOS LIMITES DA REGIÃO INTERTROPICAL BRASILEIRA A PARTIR DO ÍNDICE DE SIMILARIDADE DE DICE** 66
M.C.V. BATISTA, K.O. PORPINO
- QUELÔNIOS E JACARÉS DO DEPÓSITO QUATERNÁRIO DO LAJEDO DE SOLEDADE, APODI, RIO GRANDE DO NORTE** 67
J.P. COSTA, L.C. NASCIMENTO, W.B.S. ALMEIDA, M.A.T. DANTAS, K.O. PORPINO, H.I. ARAÚJO-JÚNIOR
- [RESUMO REMOVIDO] NOVA DESCOBERTA DE FÓSSEIS DA MEGAFUNA PLEISTOCÊNICA EM MORADA NOVA, CEARÁ** 68
V.E.B. MELO, B.P.N. SILVA JUNIOR, J.V.B. MELO, M.A.T. DANTAS, F.A.C. MONTEIRO
- IDENTIFICAÇÃO TAXONÔMICA DE FÓSSEIS PLEISTOCÊNICOS DE AFRÂNIO-PE** 69
J.V.A.M. PEREIRA, M.A.G. FRANÇA
- TAXONOMIC AND ONTOGENETIC ANALYSIS OF JUVENILE *Notiomastodon platensis* FOSSIL FRAGMENT FROM MONTE SANTO, BAHIA, BRAZIL** 70
G.A.S. NEVES, H.I. ARAÚJO-JÚNIOR, M.A.T. DANTAS
- MATERIAL PALEOZOICO BRASILEIRO NO MUSEU CÂMARA CASCUDO: IDENTIDADE, CURADORIA E RELEVÂNCIA** 71
W.J. ANDRADE, J.H.B. XAVIER, P.A.C. TOLIPAN, C.L.A. SANTOS
- COLEÇÃO VIRTUAL DOS HOLÓTIPOS DO ACERVO PALEONTOLÓGICO DA UFC** 72
R..L. SILVA, J. E. B. SILVA, M.MENDES, C.R. DUARTE
- A COLEÇÃO DE FÓSSEIS DO LABORATÓRIO DE BIOLOGIA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ (IFCE) CAMPUS JAGUARIBE** 73
M.S. OLIVEIRA, F.A.C. MONTEIRO



SUMÁRIO

COLEÇÃO PALEONTOLÓGICA DA UNILA: ELABORAÇÃO DE POLÍTICA DE CURADORIA E ANÁLISE DO POTENCIAL DIDÁTICO E CIENTÍFICO

74

G.L.S. OLIVEIRA, H.J. SCHMITZ

A DIGITALIZAÇÃO DOS LIVROS DE TOMBO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CONTROLE DOS ACERVOS PALEONTOLÓGICOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (MHN-UFAL)

75

V.M.L. FONSECA, J.L.L. SILVA, A.P.L. DA SILVA, E.L.F. FARIAS, A.L. DE BARROS

A COLEÇÃO DE HOLÓTIPOS DO ACERVO PALEONTOLÓGICO DA UFC

76

M.M. BORGES, L.F. SILVA, M. MENDES

OSTRACODES E FORAMINÍFEROS DO CRETÁCEO SUPERIOR (CAMPANIANO–MAASTRICTHIANO) DO FURO FD-BP-003, FORMAÇÃO DO JANDAÍRA, BACIA POTIGUAR, BRASIL

E.K.C. ATAÍDE¹, A.A. NOUCOUKOUK¹, R.M. MELO¹, R.J.A. MAIA¹, E.K. PIOVESAN¹

¹Laboratório de Micropaleontologia Aplicada, Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia, Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Avenida da Arquitetura 953-995, Cidade Universitária, CEP 50740-540, Recife, PE, Brasil.

emily.ataide@ufpe.br, agathe.aan@ufpe.br, robbyson.melo@ufpe.br, renata.arrudamaia@ufpe.br, enelise.katia@ufpe.br

O objetivo desta pesquisa é realizar uma análise bioestratigráfica e paleoambiental baseada em ostracodes e foraminíferos da Formação Jandaíra, Bacia Potiguar, Nordeste do Brasil. O estudo foi realizado em 36 amostras provenientes do furo de sondagem FD-BP-003. As amostras foram preparadas e analisadas no Laboratório de Micropaleontologia Aplicada da UFPE, sendo pesadas (cerca de 60g), fragmentadas e submersas em água por aproximadamente 24 horas. Em seguida, foram lavadas em água corrente, utilizando um conjunto de peneiras granulométricas (500/250/180/63/45 µm) e depois secas em estufa a 60° C. Foram recuperados 12.495 ostracodes, identificados em 12 gêneros marinhos e 5.198 foraminíferos, pertencentes a 47 gêneros. Na base da seção (intervalo 295,88–142,43 m) constituída por calcarenito, calcilutito com brecha e calcilutito não foi possível obter resolução bioestratigráfica devido à ausência de foraminíferos planctônicos. Neste intervalo, ocorrem os gêneros de ostracodes *Bairdoppilata*, *Sapucariella*, *Leguminocythereis*, *Paracypris*, *Protobuntonia* e *Soudanella* e, em abundância, os gêneros de foraminíferos bentônicos *Quinqueloculina*, associados a *Gavelinella*, *Lenticulina*, *Silicosignoilina* e *Haplophragmoides*. A presença de *Cytherella*, *Paracypris*, *Protocosta*, *Soudanella* e *Leguminocythereis*, bem como a predominância de *Quinqueloculina* e a ausência de foraminíferos planctônicos sugerem um ambiente marinho raso. No segundo intervalo (142,43 – 80,08 m), composto de brecha, calcilutito, argilito e lamito carbonático, são registradas a primeira ocorrência de *Gansserina gansseri* e uma abundante assembleia de foraminíferos planctônicos típica, tornando possível posicionar a seção estudada no Campaniano superior–Maastrichtiano inferior: Zona de Intervalo *Gansserina gansseri*. Registra-se neste intervalo a ocorrência de representantes dos gêneros de ostracodes: *Sapucariella*, *Cytherella*, *Cytherelloidea*, *Cytheropteron*, *Bairdoppilata*, *Paracypris*, *Protobuntonia* e *Leguminocythereis* e das espécies de foraminíferos planctônicos: *Contusotruncana plummerae*, *Planoheterohelix globulosa*, *G. gansseri*, *Globotruncana aegyptiaca*, *Globotruncanita pettersi*, *Globotruncanella minuta*, *Globotruncanella pschada* e *Rugoglobigerina macrocephala*, *Rugotruncana circumnodifer*, *Archaeoglobigerina cretacea*, *Racemiguembelina powelli*, *Rugoglobigerina rugosa* e *Archeoglobigerina blowi*. Neste intervalo, a presença e dominância de foraminíferos bentônicos como *Afrolivina afra*, associados aos planctônicos globotruncanídeos carenados (*Constusotruncana*, *Globotruncana*, *Globotruncanita* e *Gansserina*) sugerem um ambiente nerítico médio a profundo, e boas condições de oxigenação. [PETROBRAS/Fade-UFPE; SGB/CPRM]



UMA NOVA ESPÉCIE DE LIMNOCYTHERIDAE KLIE, 1938 DA FORMAÇÃO BREJO SANTO (JURO-CRETÁCEO), BACIA DO ARARIPE, BRASIL

C.A. BARROS¹, L.S. ANTONIETTO^{1,2}, M.L. ASSINE¹, D.A. DO CARMO¹

¹Instituto de Geociências, Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília, DF, Brasil. ²Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Universidade Regional do Cariri, Rua Plácido Cidade Nuvens, 326, CEP 63190-000, Santana do Cariri, CE, Brasil.
cecibacana@gmail.com, antonietto@gmail.com, mario.assine@unesp.br, delei1998@gmail.com

A Bacia do Araripe é o principal depósito fossilífero do Nordeste do Brasil, e possui dois dos principais *lägerstätten* do mundo – nas formações Crato e Romualdo, de idade eocretácica (Aptiano-Albiano). O registro fóssil da bacia, no entanto, é mais amplo, abrangendo também a transição Neojurássico-Eocretáceo (Berriasiano-Hauteriviano), representada pelo Grupo Vale do Cariri. Na base deste grupo, são observados os sedimentos da Formação Brejo Santo, na qual ocorrem diversos peixes e invertebrados, tais como conchostráceos e ostracodes. Em termos de ostracodes, a diversidade da formação é baixa, e dominada pela espécie *Theriosynoecum pricei* (Pinto & Sanguinetti, 1958), considerada (com ressalvas) um fóssil-guia do Jurássico mais superior no Brasil. É possível que haja não só mais espécies nesta unidade, como estas sejam mais antigas que o limite atualmente conhecido; porém, são poucos os afloramentos explorados da Formação Brejo Santo. Com a construção da Ferrovia Transnordestina, novos pontos foram disponibilizados para o estudo paleontológico da formação; um destes está localizado próximo à cidade de Milagres-CE, onde foram coletadas amostras com o objetivo de estudar a ostracodofauna associada. Estas foram submetidas à preparação padrão para microfósseis calcários do Laboratório de Micropaleontologia da Universidade de Brasília, e durante a posterior triagem do material, identificou-se uma possível nova espécie de Ostracoda pertencente à família Limnocytheridae Klie, 1938. A maioria dos espécimes encontra-se bastante permineralizada, o que dificulta a análise morfológica dos mesmos. Porém, alguns exemplares permitem concluir que se trata de um novo táxon – certamente uma nova espécie, e possivelmente, de um novo gênero, distinguível de *Theriosynoecum* Branson, 1936 pela presença de uma costela anteroventral expressiva (estendendo-se ligeiramente até a porção ventral da extremidade anterior), uma elevação da superfície lateral de formato auricular na região posterodorsal e uma projeção alar da margem posterodorsal encobrindo o contorno da valva, sulcos dorsais pouco aparentes e formato sagitiforme em vista dorsal. As assembleias onde estes fósseis ocorrem não apresenta recuperação de *Theriosynoecum pricei*, o que pode ser um indicativo de que a Formação Brejo Santo possuiria estratos de idade mais antiga do que até então conhecido. [FUNCAP – PV1-0187-00042.01.00/21]



SEMPRE AMPLIANDO E ATUALIZANDO A *WORLD OSTRACODA DATABASE*

S.N. BRANDÃO¹, L. S. ANTONIETTO², V.M.M. COSTA¹, J.N. NASCIMENTO¹, P.H.M. PEREIRA¹, S.G.G. PEREIRA¹, R.A. PRAXEDES³, I.R.S. SÁ¹, H.A.B. SÁ¹, L.M. SABATER⁴, S.G. SANTOS⁵, A.L.B. SEIXAS¹, D.K.F. SILVA¹, E.S.S. SILVA¹, M.L.C.N. SILVA¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

²Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Universidade Regional do Cariri, Rua Plácido Cidade Nuvens, 326, 63190-000, Santana do Cariri, CE, Brasil. ³Laboratório de Ecologia Bêntica, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Rod. Ilhéus-Itabuna, Km 16, 45662-900, Ilhéus, BA, Brasil. ⁴Laboratório de Herbivoría y Control Biológico, National Scientific and Technical Research Council, ⁵Center for Applied Ecology (CONICET-CECOAL), Corrientes, Argentina. ⁵Laboratório de Ecologia Aplicada à Conservação, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Campus Soane Nazaré de Andrade, Rod. Ilhéus-Itabuna, Km 16, 45662-900, Ilhéus, BA, Brasil. *brandao.sn.100@gmail.com, antonietto@gmail.com, victormessias14@gmail.com, josibe52@gmail.com, pedro.henriquem@ufrpe.br, savio.gabriel@ufrpe.br, rayranpraxedes@gmail.com, ian.rodrigosa@ufrpe.br, heitorb@hotmail.com, sabaterlara@gmail.com, stefhanne.guimaraes@gmail.com, analbritto1@hotmail.com, kaiquefreire64@gmail.com, estephanysusana1@gmail.com, leticia.cordeiro@ufrpe.br*

Os ostracodes são pequenos crustáceos que apresentam o corpo totalmente coberto por uma carapaça bivalve, muitas vezes calcificada, que fossiliza com facilidade. Desta forma, o registro fóssil de Ostracoda é um dos mais extensos dentre os animais. Embora sejam amplamente utilizados em reconstruções paleoambientais e paleoclimáticas, a taxonomia do grupo permanece muitas vezes confusa, em parte porque é um grupo extremamente diverso, com mais de 50 mil espécies descritas, também porque as informações produzidas por ostracodólogos encontravam-se dispersas em publicações, muitas vezes de difícil acesso. A *World Ostracoda Database* (WOD) foi implementada em 2013 pela primeira autora do presente resumo com o objetivo de centralizar e disponibilizar livremente na internet informação taxonômica de Ostracoda, que para um grupo com hiper-diverso, claramente precisa ser alcançado em equipe. O presente resumo apresenta as principais metas alcançadas e os principais desafios da nossa equipe de editores. Mais de 77 mil itens foram adicionados ao banco de dados, dentre eles, + 55 mil táxons, + 20 mil referências bibliográficas, + 1000 ocorrências geográficas, + 1000 imagens, +300 atributos ecológicos e biológicos como dimensões, tipo de alimentação, aspectos do desenvolvimento e história de vida, dentre outros. Nossos próximos desafios incluem checar mais de 26 mil táxons que permanecem em quarentena (não visíveis ao público), adicionar pelo menos uma imagem para cada táxon no banco de dados, assim como associar as descrições originais a mais de 1200 espécies, e vincular nomes originais (basionímios) a 1500 espécies (combinações válidas). Para isto, nossa equipe, que é formada por professores universitários, pós-graduandos e estudantes de graduação, investe um mínimo de 5 horas semanais no banco de dados, e está empenhado em conseguir mais colaboradores para o projeto. É importante frisar que a Aphia, plataforma por trás da WOD, pode ser usada para qualquer táxon fóssil e recente, bastando para isso que especialistas contactem o *Data Management Team* da Aphia para que a iniciativa seja discutida e, depois, possa ser oficializada. [FUNCAP – PV1-0187-00042.01.00/21].



GUIA DE IDENTIFICAÇÃO ONLINE DE *Quasibradleya* BENSON, 1972 (THAEROCYTHERIDAE, OSTRACODA, CRUSTACEA)

V. M. M. COSTA¹, S.G.G. PEREIRA¹, S. N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

victormessias14@gmail.com , savio.gabriel@ufrpe.br, brandao.sn.100@gmail.com

A Aphia é uma plataforma online que tem como objetivo registrar e gerenciar dados taxonômicos e outras informações relacionadas às espécies fósseis e recentes. A taxonomia é a área da biologia que é responsável por descrever, identificar e nomear os organismos existentes na Terra. Na taxonomia, os organismos são organizados de forma hierárquica baseado em seus graus de parentesco evolutivo, deduzido a partir de características morfológicas, fisiológicas, genéticas, reprodutivas, entre outras. Os guias de identificação são importantes pois facilitam a identificação de táxons, possibilitando estudos paleontológicos, ecológicos etc. Ostracodes são pequenos crustáceos envolvidos por uma carapaça bivalve calcificada, e que são encontrados em diversos tipos de ambientes aquáticos, como em oceanos, rios e lagos. Eles possuem uma grande importância nos ecossistemas aquáticos, podendo ser bioindicadores para a qualidade da água, na ciclagem de nutrientes e de decomposição da matéria orgânica, como fonte de alimento para diversos animais, além de serem importantes para estudos paleontológicos, por causa do extenso registro fóssil. No presente projeto compilamos informações taxonômicas, paleogeográficas, morfológicas e ecológicas do gênero *Quasibradleya* Benson, 1972, e adicionamos estas informações à *World Ostracoda Database* (WOD). Nossa compilação resultou em 21 espécies no gênero *Quasibradleya*, 11 destas válidas. Além disso, é possível afirmar que o gênero apresenta maior diversidade nos oceanos Índico e Pacífico, com quatro espécies na Nova Zelândia, quatro na Austrália, uma na Tasmânia e uma na Índia. Em relação à distribuição estratigráfica, duas espécies ocorrem no Eoceno da Nova Zelândia, três espécies no Oligoceno também da Nova Zelândia e uma da Austrália, uma espécie no Oligoceno e no Mioceno da Tasmânia, três espécies no Mioceno (duas na Austrália e uma da Índia), uma recente. Para o guia de identificação, as informações taxonômicas, morfológicas e paleobiogeográficas estão sendo adicionadas ao banco à WOD. Para ter acesso ao guia, é só acessar o site da WOD (<https://www.marinespecies.org/ostracoda/>), ir à opção “Search Taxa” e pesquisar pelo gênero *Quasibradleya*.



OSTRACODES MARINHOS DO MAASTRICHTIANO, FORMAÇÃO GRAMAME, BACIA PARAÍBA, NORDESTE DO BRASIL

T. LANGER¹, R.J.A. MAIA¹, E.C.O. MEDEIROS¹, R.M. MELO¹, E.K. PIOVESAN¹

¹Laboratório de Micropaleontologia Aplicada (LMA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Av. da Arquitetura, s/n, 50740-550, Recife, PE, Brasil.

thor.langer@ufpe.br, renata.arrudamaia@ufpe.br, edson.cmedeiros@ufpe.br, robbyson.melo@ufpe.br, enelise.katia@ufpe.br

A Bacia Paraíba é uma importante bacia sedimentar da região nordeste, localizada entre a Zona de Cisalhamento de Pernambuco (ZCPE) e a Zona de Cisalhamento de Patos (ZCPA), possuindo uma área de aproximadamente 130 km², na área continental. A Bacia contém as formações Beberibe, Itamaracá, Gramame, Maria Farinha, Tambaba e Barreiras. A Formação estudada é a Gramame, a primeira unidade carbonática de domínio francamente marinho, ocorrendo sobre a Formação Itamaracá e limitando-se com a Formação Maria Farinha. Destaca-se que esta bacia possui um importante registro da transição Cretáceo–Paleógeno aflorante. A deposição da Formação Gramame iniciou no final do Campaniano e prosseguiu durante todo o Maastrichtiano, possuindo uma sequência de calcários, calcarenitos e argilitos, além de níveis margosos. O presente trabalho consistiu em uma análise micropaleontológica de 19 amostras provenientes de um afloramento na cidade de Caaporã, na Paraíba (-7,518729 latitude e -34,878681 longitude, WGS 84). A metodologia incluiu a pesagem das amostras (aproximadamente 60 g) ataque com ácido acético (5%) com tempo de reação de aproximadamente um minuto, lavagem com água sob um conjunto de peneiras com abertura de malhas de 500, 250, 180, 63 e 45 µm, seguida de imageamento utilizando microscopia eletrônica de varredura, e identificação taxonômica preliminar dos ostracodes. O equipamento de ultrassom foi utilizado para limpeza dos espécimes que apresentavam sedimentos incrustados. Foram recuperados ostracodes, foraminíferos, nanofósseis calcários, radiolários, espinhos de equinoides, moluscos pterópodes, e dentes de vertebrados. Os ostracodes (478 espécimes recuperados) estão representados pelos gêneros *Paracypris* Sars, e *Cytherelloidea* Sars, e pelas espécies *Cytherella piacabucuensis*, *Protocosta reticulata* e *Paracosta recifeiensis*. O gênero *Cytherella* está representado principalmente por juvenis com boa preservação e são os mais abundantes, ocorrendo desde a base até o topo do afloramento, enquanto o gênero *Paracosta* contém indivíduos com marcas de predação, além de dimorfismo sexual entre os espécimes. Os ostracodes ocorrem principalmente nas camadas margosas, camadas intermediárias do afloramento, e em menor quantidade no topo do afloramento. Nos níveis de marga estão as maiores concentrações de foraminíferos planctônicos, nanofósseis calcários e radiolários. Os espinhos de equinoides são registrados em todas as amostras analisadas, mas possuem também maior concentração nos níveis de margas. [PETROBRAS – processo 2023/00341-4]



FORAMINÍFEROS DO AFLORAMENTO CAAPORÃ-PB, FORMAÇÃO GRAMAME MAASTRICHTIANO, BACIA PARAÍBA, NORDESTE DO BRASIL

E.C. MEDEIROS¹, R.M. MELO¹, A.A. NOUCOUKOUK¹, G.C.C. MARTINS¹, E.K. PIOVESAN¹

¹Laboratório de Micropaleontologia Aplicada, Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia (i-LITPEG), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

edson.cmedeiros@ufpe.br, robbyson.melo@ufpe.br, noucoukouk@gmail.com, gabriel.cmartins@ufpe.br, enelise.katia@ufpe.br

A Bacia Paraíba, situada entre as zonas de Cisalhamento de Pernambuco (ZCPE) e Patos (ZCPA), na região nordeste do Brasil, compõe um dos mais significativos depósitos sedimentares com pontos aflorantes das transições Campaniano–Maastrichtiano e Cretáceo–Paleógeno no país. É composta pelas formações Beberibe, Itamaracá, Gramame, Maria Farinha, Tambaba e Barreiras. Este trabalho apresenta uma análise das assembleias de foraminíferos em 19 amostras (G1–G19), oriundas de um afloramento localizado às margens da rodovia PB-044 (coordenadas: 7°31'05.4"S/34°52'41,1" W), município de Caaporã-PB. O afloramento onde estão expostos estratos da Formação Gramame, possui cerca de 8,20 m de altura por 70 m de extensão. Sua base é composta por calcarenitos (Intervalo I: 0–2,65 m/amostras G1–G7), níveis calcários margosos (Intervalo II: 2,65–3,40 m/amostras G8–G11) e calcários (Intervalo III: 3,40–8,20 m/amostras G12–G19). As amostras foram submetidas ao ataque com ácido acético 5%, seguindo com a lavagem em água corrente em um conjunto peneiras (<500µm a >45µm). A triagem e identificação dos microfósseis foram realizadas com uso do estereomicroscópio óptico e microscópio eletrônico de varredura, onde foram recuperados 843 foraminíferos bentônicos distribuídos em 15 táxons e 1097 foraminíferos planctônicos distribuídos em 48 táxons, além de ostracodes, nanofósseis calcários, radiolários, espinhos de equinóides, micromoluscos e dentes de peixes. O Intervalo I é caracterizado pela abundância de foraminíferos bentônicos (*Siphogenerinoides bramletti*, *Gavelinella*, *Coryphostoma*) e planctônicos (*Rugoglobigerina* e *Planoheterohelix*). No Intervalo II predominam os gêneros bentônicos (*Gavelinella* e *Coryphostoma*) e planctônicos (*Rugoglobigerina*, *Planoheterohelix* e *Pseudotextularia*). No Intervalo III, são registrados, em maior abundância, os gêneros de foraminíferos bentônicos (*Gavelinella*, *Coryphostoma*) e planctônicos (*Planoheterohelix*, *Pseudoguembelina*, *Muricohedbergella* e *Rugoglobigerina*). A maior diversidade e abundância de microfósseis ocorre nas camadas margosas (Intervalo II), associados com abundantes icnofósseis (*Thalassinoides*). Os foraminíferos bentônicos são mais abundantes no intervalo I, enquanto os planctônicos são predominantes nos intervalos II e III, cuja razão P/B corroboram a interpretação de um paleoambiente marinho raso evoluindo para um marinho profundo. A assembléia de foraminíferos planctônicos identificada, representados pelas espécies *Rugoglobigerina macrocephala*, *Archaeoglobigerina blowi*, *Globotruncanita pettersi*, *Globotruncanella petaloidea*, *Globotruncanella compressiformis*, *Pseudoguembelina kempensis* e *Pseudoguembelina palpebra*, permite posicionar a seção no Maastrichtiano. [PETROBRAS-2019/00280-0]



A PRESENÇA DE FORAMINÍFEROS FÓSSEIS NO INTERIOR DO NORDESTE BRASILEIRO: RECENTES DESCOBERTAS, GRANDES DESAFIOS

R.M. MELO¹, E.K. PIOVESAN^{1,2,3}, R.J.A. MAIA^{1,2}, E. FRANCO NETO², S.M.O. AGOSTINHO³

¹Laboratório de Micropaleontologia Aplicada, Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. ²Programa de Pós-graduação em Geociências, Centro de Tecnologia e Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. ³Departamento de Geologia, Centro de Tecnologia e Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. robbyson.melo@ufpe.br, enelise.katia@ufpe.br, sonia.asilva@ufpe.br, emmanuel.franco@ufpe.br

Os foraminíferos, conhecidos desde o Neoproterozoico (~720 m.a), constituem um importante grupo de protozoários unicelulares majoritariamente marinhos. No interior do nordeste brasileiro, diversas bacias sedimentares guardam os registros de eventos geológicos e bióticos desde o Paleozoico. Na Bacia do Parnaíba, cuja sedimentação teve início no Paleozoico, são registrados foraminíferos em estratos das formações Pimenteira (Devoniano), Piauí (Carbonífero) e Codó (Aptiano). Os registros devonianos, recuperados pela primeira vez, consistem em uma rica assembleia de foraminíferos bentônicos aglutinantes (*Webbinelloidea*, *Sorosphaera*), bem distribuídos nos mares do Devoniano Médio. Na Formação Piauí é documentada uma rica assembleia de foraminíferos aglutinantes e calcário-hialinos do Pensilvaniano. As assembleias de foraminíferos da Formação Codó (Aptiano) tanto da Bacia do Parnaíba, bem como da Bacia do Grajaú consistem em espécies bentônicas predominantemente aglutinantes tubulares e planctônicas da Família Hedbergellidae, cujos representantes viveram nos mares entre o Hauteriviano ao Aptiano. Nas bacias do Araripe, Jatobá e Tucano Norte, uma diversa e abundante assembleia de foraminíferos do Eo-Cretáceo, tem sido recuperada e documentada nos últimos anos. Na Bacia do Araripe, os registros abrangem todo o Grupo Santana (Aptiano), representado por formas planctônicas e bentônicas. Os foraminíferos planctônicos que ocorrem nas formações Crato, Ipubi e Romualdo estão representados principalmente por hedbergelinídeos. Enquanto os bentônicos que ocorrem desde a Formação Barbalha (Aptiano inferior), são abundantes e diversos, com registros de formas principalmente de astrorhizídeos (*Bathysiphon* e *Hyperammia*), lituolídeos (*Ammobaculites*), miliolídeos (*Quinqueloculina* e *Agathammina*) e rotalídeos (*Gubkinella*). Nas bacias de Jatobá e Tucano Norte, uma abundante assembleia de foraminíferos aglutinantes tem sido recuperada, através de análises de amostras de testemunhos em estratos correlatos com a Formação Crato (Aptiano superior). Todos esses registros têm permitido a datação relativa dos estratos, a partir de espécies globalmente distribuídas, bem como a reconstrução paleoambiental. Tais descobertas, mostram-se desafiadoras, pois muitas das morfologias representam possíveis novas espécies, necessitando de estudos mais aprofundados e abrem uma nova perspectiva para o entendimento das incursões marinhas no passado, bem como para a compreensão paleoecológica das espécies de foraminíferos em mares epicontinentais. [PETROBRAS – 2019/00280-0]



CARACTERIZAÇÃO PALEOAMBIENTAL DO CAMPANIANO AO DANIANO (BACIA PARAÍBA, NE DO BRASIL) BASEADA EM FORAMINÍFEROS

R.M. MELO¹, S.M.O. AGOSTINHO²

¹Laboratório de Micropaleontologia Aplicada, Instituto de Pesquisa em Petróleo e Energia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. ²Departamento de Geologia, Centro de Tecnologia e Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
robbyson.melo@ufpe.br, sonia.asilva@ufpe.br

A interpretação dos dados provenientes dos estudos taxonômicos, bioestratigráficos e paleoecológicos de foraminíferos realizados na seção dos poços Poty e Olinda (Bacia Paraíba) permitiram caracterizar uma sucessão de bioeventos, contribuindo para o entendimento da evolução paleoambiental da área. O estudo foi baseado nos principais grupos de foraminíferos, levando em consideração o agrupamento dos morfotipos. A análise de uma assembleia bentônica abundante e diversificada, composta por 173 espécies, permitiu identificar 14 morfogrupos funcionais, sendo os calcário-hialinos (CH-A.1, CH-A3, CH-A.5, CH-B4 e CH-B4) os mais representativos, seguido pelos aglutinantes (AG-A), resultando no reconhecimento de seis biofácies: Biofácies 1: predomínio de lenticulinídeos; Biofácies 2: distribuição de *Orthokarstenia ewaldi* e *Epistomina supracretacea*; Biofácies 3: domínio de *Turrulina carseyae*; Biofácies 4: frequência de *Gaydryina* (*Siphogaudryina*) *austinana* e *Coryphostoma incrassatum*; Biofácies 5: frequência de *Gavelinella* sp. 1; e Biofácies 6: presença de *Gavelinella* sp. 2. Um ambiente deposicional variando entre nerítico raso/médio/profundo (Campaniano), passando por um nerítico médio/profundo a batial superior (Maastrichtiano), até a instalação de um nerítico raso (Daniano), foi inferido, onde predominam condições de alta produtividade orgânica e níveis intermediários de oxigênio. O Campaniano (Biofácies 1 e 2; Formação Itamaracá), é caracterizado por uma assembleia formada pelos táxons *Epistomina supracretacea*, *Alabamina dorsoplana* e *Orthokarstenia ewaldi*. As formas bentônicas epifaunais e infaunais são bem representadas, com alternância de domínio ao longo da seção em condições oligotróficas a mesotróficas das águas superficiais e uma moderada a boa oxigenação dos sedimentos de fundo em um ambiente nerítico. Durante o Maastrichtiano (Biofácies 2, 3, 4 e 5; Formação Gramame), os foraminíferos planctônicos são mais diversos e abundantes, com destaque para os bisseriados, seguido pelas formas trocoespiraladas globosas e carenadas. O predomínio de formas planctônicas e bentônicas/infaunais, sugerem condições de nerítico médio/profundo a batial superior, oligotrófico e boa oxigenação dos sedimentos de fundo. No Daniano (Biofácies 6, Formação Maria Farinha), predomina uma assembleia pouco diversa e abundante de foraminíferos bentônicos representados por gavelinellídeos, vaginulídeos e textularídeos. No grupo dos foraminíferos planctônicos, foi observado uma redução na biodiversidade e abundância representado por morfotipos trocoespiralados globosos e bisseriados vivendo em um ambiente nerítico raso e eutrófico.



GUIA DE IDENTIFICAÇÃO *ONLINE* DA FAMÍLIA BYTHOCYTHERIDAE (OSTRACODA, CRUSTACEA)

J.B. NASCIMENTO¹, M.L.C. N. SILVA¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

Josibe52@gmail.com, leticia.cordeiro@ufrpe.br, simone.brandao@ufrpe.br

Taxonomia é a ciência que organiza o conhecimento biológico sobre seres vivos, classificando e definindo as diferentes espécies. Para tornar os dados taxonômicos acessíveis, foi criada a plataforma *Aphia*, um banco de dados com interface online onde editores taxonomistas adicionam e editam informações sobre diversos táxons. A *Aphia*, inicialmente construída para a lista de espécies marinhas da Europa, agora abrange registros de fósseis e organismos de ambientes não marinhos, cada um com seu próprio site. A *World Ostracoda Database* (WOD) foca em ostracodes, pequenos crustáceos com carapaça calcificada, presentes em ambientes marinhos e não marinhos, amplamente usados na paleoceanografia, paleoclimatologia e bioestratigrafia. A Família Bythocytheridae, que evoluiu no Siluriano, apresenta ampla distribuição geográfica, de águas rasas a profundas, com espécies fósseis e recentes descritas. No presente projeto, estamos desenvolvendo um guia de identificação para a família Bythocytheridae, utilizando a plataforma *Aphia*, a partir da WOD. Em estudos de biodiversidade, a identificação taxonômica é uma etapa essencial. Iniciamos o projeto com uma vasta pesquisa bibliográfica sobre os táxons da família no Google Acadêmico e na coleção de publicações do nosso laboratório. Verificamos mais de 800 publicações e compilamos um total de 1427 táxons descritos. Oito subfamílias, 120 gêneros, 1180 espécies e 268 citações bibliográficas (117 com pdfs) foram adicionadas ao banco de dados. Os táxons foram linkados às suas descrições originais, e às referências com tratamentos taxonômicos relevantes. As informações taxonômicas e paleobiogeográficas de cada táxon estão sendo detalhadamente compiladas e adicionadas à WOD. Mapas de ocorrência são então gerados na WOD e ficam disponíveis para os usuários. Estamos também promovendo o guia em eventos científicos e nas redes sociais, contribuindo para o conhecimento da família Bythocytheridae. Participação dos autores: JBN e MLCNS adicionaram táxons (gêneros e espécies), informações taxonômicas e paleobiogeográficas, e referências à WOD; JBN escreveu as duas versões deste resumo; SNB idealizou o projeto, fez a busca bibliográfica, adicionou táxons e referências à WOD; sugeriu modificações às duas versões deste resumo.



BIODIVERSIDADE E PALEOBIOGEOGRAFIA DE OSTRACODA (CRUSTACEA) DO PANAMÁ

S.G.G. PEREIRA¹, R. COLLIN², E. TORRES³, I.R.S. SÁ¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil. ²California State University, Los Angeles, USA. ³University of California Santa Barbara: Santa Barbara, CA, USA.

savio.gabriel@ufrpe.br, CollinR@si.edu, etorre11@exchange.calstatela.edu, ian.rodrigosa@gmail.com, brandao.sn.100@gmail.com

O Panamá é um pequeno país na América Central, que por sua vez é a massa de terra que conectou a América do Sul com a América do Norte no Mioceno. Anteriormente, havia conexão marinha e homogeneidade nos parâmetros físico-químicos do ambiente marinho no que hoje são as costas caribenha e pacífica da América Central. Isto possibilitava o deslocamento e conseqüentemente o fluxo gênico entre populações de organismos aquáticos. Com a formação do istmo do Panamá, ocorreu a divisão desta região em Mar do Caribe e Pacífico central, promovendo a diversificação da biota. Por ter duas costas com condições físico-químicas bastante diversas, o Panamá apresenta elevada biodiversidade marinha. Os ostrácodes são microcrustáceos que habitam diversos ambientes aquáticos e englobam mais de 46000 espécies. O objetivo do presente projeto é compilar e reavaliar todos os dados de ostracodes do Panamá publicados até 2024. Além disso, pretende-se construir um guia de identificação online dos ostracodes marinhos, fósseis e recentes do Panamá. Foi realizada busca bibliográfica que resultou em 20 publicações. Foram compiladas informações taxonômicas (gênero e espécie) e paleobiogeográficas (latitude, longitude, localidade, etc.) destas publicações. Foram compiladas 1026 ocorrências (1 ocorrência = um táxon em uma localidade em um período geológico), 627 destas ocorrências com latitude e longitude na publicação original. Para as demais ocorrências, latitude e longitude foram preenchidas com base na localidade fornecida pelo autor na publicação. As ocorrências foram plotadas com o método de densidade de Kelmer no software QGIS. Os táxons mais diversos no Panamá pertencem à ordem Podocopida 88% das ocorrências, seguido por Platycopida (10%) e Mydocopida (2%). As famílias mais diversas são Hemicytheridae (18%), Loxoconchidae (15%), Cytheruridae e Trachyleberididae ambas com 12%. Em relação aos gêneros, verificou-se maior frequência (maior número de ocorrências) de *Loxoconcha* (15%), que ocorre em regiões rasas. Em relação a distribuição estratigráfica, o Neógeno (60%) foi mais frequente que o Quaternário (40%), e o Mioceno (64%) foi a época mais frequente, seguida do Holoceno (36%). [1 PET/MEC/Sesu]



REVISÃO TAXONÔMICA E PALEOBIOGEOGRAFIA DO GÊNERO *Macrocyprina* TRIEBEL, 1960 (CRUSTACEA, OSTRACODA, MACROCYPRIDIDAE)

E.S.S. SILVA¹, P.H.M. PEREIRA¹, S.G.G. PEREIRA¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

pedro.henriquem@ufrpe.br, estephanySusana1@gmail.com, brandao.sn.100@gmail.com

Os microfósseis são vestígios muito pequenos de organismos que habitaram os diferentes ecossistemas da Terra ao longo de sua história. Os ostracodes são microcrustáceos que vivem em diversos ambientes aquáticos. Por ter uma carapaça calcificada, a classe Ostracoda apresenta um dos registros fósseis mais abundantes e contínuos do Fanerozoico, sendo utilizada para a reconstrução dos ecossistemas e de mudanças ambientais do passado. Outra área de conhecimento que pode ser explorada a partir dos fósseis de ostracodes é a paleobiogeografia, que visa compreender onde determinado táxon se originou e como este se distribuiu ao longo dos períodos geológicos. Por outro lado, a base de conhecimento taxonômico necessária aos estudos paleoambientais e paleobiogeográficos permanece bastante confusa no gênero *Macrocyprina* Triebel, 1960, fazendo-se assim necessárias revisões taxonômicas. No presente estudo, revisamos a taxonomia, compilamos informação taxonômica e paleobiogeográfica das espécies de *Macrocyprina*, adicionamos esta informação à *World Ostracoda Database* (WOD) e, por fim, investigamos a paleobiogeografia do gênero. Ocorrências geográficas e estratigráficas das espécies válidas, distribuídas em 25 localidades, foram compiladas em planilha digital e adicionadas à WOD. Iniciamos o projeto com um levantamento bibliográfico das espécies do gênero, que retornou um total de 40 espécies, dentre estas 30 válidas, 3 *nomina dubia* e 7 atualmente aceitas em outros gêneros. O gênero apresenta alta diversidade no Caribe, e é diverso em outras regiões do Atlântico e no Pacífico, menos diverso no Oceano Índico, e ausente no Oceano Austral e no Ártico. A maioria das espécies ocorre em regiões rasas, mas duas espécies ocorrem no talude continental (máximo de 640 m). Apenas três espécies apresentam ocorrências fósseis mais antigas que o Holoceno, as três no Pleistoceno, duas destas ao largo da Califórnia. Nesse contexto, sugere a região da Califórnia como sendo a origem do gênero, devido à alta diversidade no local, que possivelmente ocorreu antes do soerguimento do Istmo do Panamá no Mioceno. Uma hipótese alternativa é que o gênero tenha surgido também antes do soerguimento do Istmo, no lado do atual Atlântico, mas não tenha deixado fósseis, ou estes não tenham sido ainda encontrados, e então se dispersado para oeste.



VERIFICANDO A TAXONOMIA DE ESPÉCIES DE OSTRACODA NA *WORLD OSTRACODA DATABASE*

I.R.S. SÁ¹, L.S. ANTONIETTO², S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil. ²Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Universidade Regional do Cariri, Rua Plácido Cidade Nuvens, 326, 63190-000, Santana do Cariri, CE, Brasil.
ian.rodrigosa@ufrpe.br, antonietto@gmail.com, brandao.sn.100@gmail.com

A classe Ostracoda é composta por microcrustáceos que apresentam uma carapaça bivalve calcificada, que se acumula no sedimento e se fossiliza com facilidade. Sendo assim, este grupo apresenta um diversificado e abundante registro fóssil provenientes de ambientes dulcícolas, salobros e marinhos desde o Ordoviciano. A *World Ostracoda Database* (WOD) tem como objetivo disponibilizar informações variadas sobre esses animais, incluindo taxonomia, estratigrafia, paleoecologia, paleogeografia, dentre outros aspectos. Atualmente a WOD inclui quase 100 mil itens, dentre eles mais de 56 mil táxons, 20 mil referências bibliográficas (com pelo menos dois mil possuindo arquivo anexado), além de milhares de imagens, dados sobre distribuições geográficas e paleoecologia. Apesar do objetivo da WOD ser disponibilizar abertamente todo seu conteúdo para o público, mais de 26 mil táxons permanecem em quarentena, ou seja, visíveis apenas aos editores logados no sistema. Isto ocorre devido ao controle de qualidade das informações, onde apenas o conteúdo verificado por um especialista pode ser disponibilizado ao público. Desta forma, existe a necessidade de analisar estes mais de 26 mil táxons nas publicações existentes, incluindo suas descrições originais, suas redescrições e propostas de novas combinações etc. No presente projeto, esses táxons estão sendo revisados e, em seguida, disponibilizados ao público. Inicialmente, a busca por esses táxons é realizada na coleção de mais de 9.300 arquivos de publicações sobre Ostracoda do Paleo-UAST, utilizando um software que permite a pesquisa no texto completo de todos os documentos simultaneamente. Caso o táxon não se encontre na coleção, parte-se para o Google Acadêmico, e depois a autora sênior do presente resumo solicita a publicação na lista internacional de emails dos ostracodólogos, a *Ostracon*. Em geral, diversos autores disponibilizam rapidamente as publicações, e assim, os táxons podem então ser tirados da quarentena e isto ocorre com certa rapidez. [FUNCAP – PV1-0187-00042.01.00/21].



PALEOBIOGEOGRAFIA DO GÊNERO *Bradleya* HORNIBROOK, 1952 (OSTRACODA, CRUSTACEA)

H.A.B. SÁ¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

heitorb260@gmail.com, simone.brandao@ufrpe.br

Ostracodes são microcrustáceos, que habitam diversos tipos de ambientes aquáticos em todo o mundo, e que se caracterizam pela carapaça bivalve, na maioria das vezes calcificada. O gênero *Bradleya* Hornibrook, 1952 pertence à família Thaerocytheridae, uma das mais diversas de Ostracoda. No presente estudo, pretendemos investigar a paleobiogeografia do gênero *Bradleya*, com base nos dados já publicados. Iniciamos o projeto com uma extensa revisão bibliográfica (+50 artigos consultados) sobre o gênero e suas espécies, e na coleção de referências do nosso laboratório. Um total de 86 espécies, assim como as referências importantes para o gênero, foram adicionadas à *World Ostracoda Database*, um banco de dados online de livre acesso. Foram adicionadas ao banco de dados as ocorrências paleogeográficas e estratigráficas de cada espécie, incluindo as localidades-tipo e dados dos holótipos e lectótipos. As ocorrências mais antigas de *Bradleya* são no Cretáceo do Atlântico Sul, localidades que hoje estão ao largo da Argentina e da Nigéria, o que sugere que o gênero pode ter se originado neste oceano. Já no Paleoceno, espécies de *Bradleya* foram registradas no Nordeste da África e na Europa. Neste período, existia um oceano ligando o Atlântico Norte ao Índico. No Eoceno e Oligoceno, foram registradas espécies do gênero na Europa, e os primeiros registros no Pacífico, em uma região que hoje fica entre a Austrália e a Nova Zelândia. Isto sugere que as espécies migraram através do Oceano Índico, hipótese sustentada pelo fato de haver espécies no Indo-Pacífico (Indonésia) e noroeste do Pacífico (Japão) durante o Mioceno, além de América do Sul e Europa. Ainda no Mioceno e Plioceno, a diversidade do gênero na Oceania já era elevada. A única espécie surgida no Pleistoceno é do Atlântico Sul (Brasil). O Holoceno é a época de maior diversificação com diversas espécies em várias regiões do Pacífico e algumas no Atlântico Sul (Brasil) e Oceano Índico (Índia e China). Os próximos passos do presente projeto incluem adicionar mais informações taxonômicas e paleobiogeográficas à *World Ostracoda Database* e publicar a análise da paleobiogeografia do gênero em periódico científico.



GUIA DE IDENTIFICAÇÃO ONLINE DO GÊNERO *Lankacythere* BHATIA & KUMAR, 1979 (OSTRACODA: CRUSTACEA)

D.K.F. SILVA¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

kaiquefreire64@gmail.com, brandao.sn.100@gmail.com

Os microfósseis são restos microscópicos de seres vivos preservados em rochas e sedimentos. Ostracodes são pequenos crustáceos bivalves que habitam todos os tipos de ambientes aquáticos. Eles desempenham papéis importantes nos ecossistemas desde o Ordoviciano e, devido ao abundante registro fóssil, são amplamente utilizados em reconstituições paleoambientais. Todavia, a taxonomia, que visa descrever, classificar e nomear os organismos, ainda está longe de decifrar toda a diversidade da Classe Ostracoda. Neste contexto, guias de identificação online facilitam imensamente o trabalho de taxonomistas. No presente estudo, construímos um guia de identificação online para o gênero *Lankacythere* (Bhatia & Kumar, 1979), utilizando a plataforma *Aphia*. Esta última é composta por um banco de dados e um ambiente de edição online, onde taxonomistas podem acrescentar, editar e corrigir conteúdo de forma controlada. Iniciamos o projeto revisando e compilando todas as informações publicadas sobre o gênero em planilhas digitais. Com base na nossa compilação, podemos afirmar que o gênero é exclusivamente marinho e inclui seis espécies descritas, são elas: *Lankacythere scotti*, *Lankacythere coralloides* e *Lankacythere elaborata* do estreito de Malacca, *Lankacythere reticulata* de Kerala, Índia, e *Lankacythere* sp. nov. do Mar das Maldivas e no Indo-Pacífico, *Lankacythere euplectella* de Hong Kong, *Lankacythere multifora* da plataforma de Sunda). Além disso, estamos trabalhando com uma espécie nova coletada no Oceano Índico *Lankacythere* sp. nov. Destas, *L. reticulata* e *L.* sp. nov. ocorrem no Mioceno e no Pleistoceno, respectivamente, enquanto as demais têm apenas ocorrência no Holoceno. A ocorrência batimétrica é desde o litoral até 400 metros de profundidade. Para cada espécie, foi criada página na *Aphia*, e nestas, foram adicionadas imagens de microscopia eletrônica das valvas, descrições, diagnoses, dimensões, localidade-tipo. Sinônimos e referências bibliográficas das descrições originais, revisões, redescritões e novas combinações foram também adicionadas à *Aphia*, e linkadas às páginas das espécies. Atualizações serão feitas às páginas sempre que novas informações à respeito das espécies forem publicadas. O guia pode ser livremente acessado através da página do gênero na *Aphia* e na *World Ostracoda Database*.



GUIA DE IDENTIFICAÇÃO *ONLINE* PARA OS GÊNEROS E ESPÉCIES DA FAMÍLIA MACROCYPRIDIDAE (OSTRACODA: CRUSTACEA)

P.H.M. PEREIRA¹, E.S.S. SILVA¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

pedro.henriquem@ufrpe.br, estephanyusana1@gmail.com, brandao.sn.100@gmail.com

Ostracoda é uma classe de pequenos crustáceos, encontrados em todos os ambientes aquáticos da Terra, e que têm como exoesqueleto uma carapaça bivalve, calcificada, com grande potencial de fossilização. Por isso são os artrópodes mais abundantes no registro fóssil, sendo amplamente utilizados como indicadores paleoambientais e bioestratigráficos, e contribuindo assim com a reconstrução da história da Terra. Apesar da taxonomia ser a base para qualquer trabalho com seres vivos, incluindo os diagnósticos ambientais e as reconstruções paleoambientais, esta área tem sido extremamente desvalorizada pela comunidade científica e pelas agências de fomento. Assim sendo, um grande número de espécies permanece desconhecido, e, no caso de Ostracoda, diversos táxons necessitam revisões e novas ferramentas para identificação. O guia de identificação que estamos produzindo usa a *World Ostracoda Database* (WOD) como plataforma e visa facilitar a identificação de espécimes da família Macrocyprididae, uma família exclusivamente marinha com distribuição cosmopolita. Primeiramente, foi realizada busca bibliográfica no Google Acadêmico e posteriormente nas listas de referências dos artigos encontrados nesta busca. Nossa compilação retornou um total 289 espécies, destas 206 válidas, e 9 gêneros. As referências bibliográficas com descrições originais, as revisões e redescritões de cada táxon foram adicionadas à WOD (quando possível com o pdf), assim como suas ocorrências geográficas e estratigráficas, e ilustrações. Foram adicionadas também as descrições, dimensões, diagnoses, etimologias de cada táxon. Por fim, podemos destacar a importância do estudo e das revisões bibliográficas desta família como sendo ferramentas muito úteis para descobertas, reconstruções paleoambientais e entendimentos a respeito de como as mudanças climáticas aconteceram, acontecem, e podem acontecer no cenozoico, visto que as ocorrências desta família são datadas desde o paleógeno até os dias atuais, sendo assim, verdadeiras máquinas do tempo biológicas. Além disso, a ferramenta *World Ostracoda Database* (WOD), possibilita um imenso acervo de informações a respeito da classe de crustáceos, um valioso instrumento quando falamos dos estudos contemporâneos da Ostracoda.



UMA VIAGEM AO PASSADO: EXPOSIÇÃO DO ACERVO PALEONTOLÓGICO DA UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA COMO INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A.L.B.S. BARBOSA¹, J.B. NASCIMENTO¹, D.K.F. SILVA¹, V.M.M. COSTA¹, E.S.S. SILVA¹, P.H.M. PEREIRA¹, S.G.G. PEREIRA¹, S.N. BRANDÃO¹

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil.

analbrit01@hotmail.com, josibe52@gmail.com, dkfs19pe@gmail.com, victormessias14@gmail.com, estephanysusana1@gmail.com, pedro.henriquem@ufrpe.br, savio.gabriel@ufrpe.br, brandao.sn.100@gmail.com

A paleontologia estuda os seres vivos que habitavam e habitam a Terra desde seus primórdios. Os fósseis possibilitam a reconstrução do passado e são capazes de trazer informações concretas a respeito de todo o tempo geológico. Parte dos fósseis disponíveis para estudo encontram-se em acervos de Universidades ou em Museus de Ciências Naturais. A importância de trazer fósseis a exposições públicas, é não apenas a de tornar esse conhecimento público, como também gerar uma consciência a respeito do valor cultural deste tipo de patrimônio. Desse modo, a exposição em questão, foi realizada no *Shopping* da cidade de Serra Talhada, no evento em comemoração aos 18 anos da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (da Universidade Federal Rural de Pernambuco). Os membros do Laboratório de Paleontologia selecionaram no acervo paleontológico as peças em melhor estado e as mais chamativas. Foram selecionados microfósseis, com intuito de falar sobre a importância destes fósseis na reconstrução do passado da Terra e da evolução da vida. A exposição ocorreu em agosto de 2024, durante 3 dias, tendo um público muito amplo, de todas as faixas etárias. Dentre todas elas, a curiosidade e a fascinação a respeito da Paleontologia. Para tirar as dúvidas e desenvolver mais a respeito do tema, os monitores ficaram disponíveis durante todos os dias. A estimativa é que o evento atraiu em torno de 300 visitantes ao estande de Paleontologia. Diante disso, foi possível trazer ao público o conhecimento que é desenvolvido na academia e demonstrar de forma palpável para leigos, ou seja, os visitantes que desconheciam essa Ciência. Ao ressignificar o ideário popular de que a Paleontologia está representada apenas pelo estudo dos dinossauros, o presente projeto contribuiu para ampliar o conhecimento geral da população de Serra Talhada em relação à História da Terra e da vida, além de despertar a curiosidade das crianças para a próxima geração de paleontólogos.



PEQUENOS EXPLORADORES: DESVENDANDO O PASSADO ATRAVÉS DE PRÁTICAS LÚDICAS EM PALEONTOLOGIA

A.L.B.S. BARBOSA¹, J.B. NASCIMENTO¹, H.A.B. SÁ¹, A.K.B. SILVA²

¹Laboratório de Paleontologia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (Paleo-UAST), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Av. Gregório Ferraz Nogueira, S/N, José Tomé de Souza Ramos, 56909-535, Serra Talhada, PE, Brasil. ²Centro Universitário FIS. *analbrito1@hotmail.com, josibe52@gmail.com, heitorb@hotmail.com, karolbarros.biologia@gmail.com*

A paleontologia é a ciência que estuda o registro, distribuição e evolução dos seres vivos nas rochas, o que chamamos de história natural. Uma das classificações dos fósseis os separa em somatofósseis (restos de organismos) ou icnofósseis (vestígios da atividade destes organismos). A busca de fósseis possibilita de maneira prática e palpável a compreensão de conceitos da paleontologia, além de estimular o trabalho em equipe, a paciência e a observação. Desta forma, realizá-la como atividade lúdica na busca ativa de réplicas fósseis é capaz de despertar grande interesse e interação quando se trata da educação infantil. O projeto Denominado “Pequenos exploradores: desvendando o passado através de práticas lúdicas em paleontologia”, foi realizado no município Afogados da Ingazeira, em parceria com a professora e pedagoga Lizane Brito, no dia 20 de setembro, com 22 alunos do 1º ano do ensino fundamental do Colégio Dom Helder Câmara, para isto realizamos uma roda de conversa com os alunos sobre paleontologia e suas primeiras impressões; em seguida, uma palestra sobre o trabalho do paleontólogo e temas pertinentes, como tempo geológico e datação dos fósseis. Após esse momento, houve a utilização de fantoches de alguns dos seres que habitavam o planeta em períodos diversos para brincar com as crianças. Em seguida, os alunos foram levados até a caixa de areia da escola, onde realizaram primeiramente a observação do espaço e em seguida iniciaram a procura pelo material didático que fora anteriormente enterrado. Após o momento de busca, os alunos retornaram à sala de aula, onde puderam realizar o processo de montagem. O “fóssil” escavado simulava o esqueleto de um dinossauro do gênero *Tyrannosaurus* de tamanho mediano. Para finalizar o dia, foi passado como tarefa de casa para os alunos responderem com os pais um questionário de sondagem sobre as atividades vivenciadas. Foi observado durante e depois da aula a euforia das crianças, demonstrando assim grande satisfação sobre o tema após análise dos formulários devolvidos e relatos dos responsáveis. Diante disso, o trabalho possibilitou a difusão da paleontologia e sua importância para compreender a vida na Terra, tornando assim o processo de aprendizagem mais dinâmico.



DESCOMPLICANDO O PROCESSO DE FOSSILIZAÇÃO DA FORMAÇÃO CRATO DA BACIA SEDIMENTAR DO ARARIPE

M.A.A. CARDOSO¹, M.C. JUSTINO¹, R.F. MUNIZ¹, S.W.S. SANTOS¹, L.G. FREITAS¹, L.I.P. NERES¹

¹Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens (MPPCN), Universidade Regional do Cariri, Santana do Cariri, CE, Brasil.

andressaalencarc@gmail.com, maisa.justino@urca.br, rihannafelix021@gmail.com, samuelwelson174@gmail.com, isidorio45.56@gmail.com, lauraivnap@gmail.com

O processo de fossilização da Formação Crato da Bacia Sedimentar do Araripe tem alta complexidade de compreensão não só para o setor educativo iniciante do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens (MPPCN), mas também para os alunos do Ensino Fundamental das escolas do município de Santana do Cariri, visto a lei municipal do ensino de Paleontologia como componente curricular obrigatório. Nesse contexto, é urgente a necessidade de encontrar uma metodologia mais eficaz e didática para que os alunos consigam visualizar e compreender a Formação Crato e todo o processo de preservação dos seres na rocha sedimentar, já que a instrução sobre esta área do conhecimento faz-se necessária para a população da região do Cariri. Os bolsistas de extensão júnior do MPPCN realizaram visitas em todas as escolas, públicas e privadas, do município de Santana do Cariri, objetivando a apresentação de uma maquete e a explicação didática desse processo de fossilização. A maquete, montada dentro de um aquário de vidro, é separada em camadas que representam as fases da formação do calcário laminado - a rocha da Formação Crato -, a primeira, de cima para baixo, representa o paleoambiente, as próximas mostram a deposição dos sedimentos com os seres na rocha e, por fim, a última é a rocha formada. Assim, com a produção do material didático e as explicações durante as visitas, insere-se, descomplicadamente, os conteúdos paleontológicos propostos no ensino santanense do Cariri. [URCA finalístico]



DA UNIVERSIDADE PARA A COMUNIDADE: A MISSÃO EDUCATIVA DO MUSEU ITINERANTE DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

N.M. COELHO¹, P. SUCERQUIA¹

¹Departamento de Geologia, CTG, Universidade Federal de Pernambuco, 50740-550, Recife, PE, Brasil.
nayrton.mendes@ufpe.br, paula.sucerquia@ufpe.br

Museus desempenham um papel crucial na preservação do patrimônio da humanidade, abrangendo tanto o patrimônio material quanto o imaterial e natural. Eles funcionam como espaços que estimulam reflexões, promovem debates, despertam curiosidade e fortalecem o senso de pertencimento da sociedade em relação ao seu patrimônio. Além disso, estes têm uma função educativa por meio de exposições permanentes e temporárias, atividades recreativas e iniciativas de divulgação. A função pedagógica dos museus se baseia nas possibilidades oferecidas por estes espaços, que permitem a valorização do conhecimento através de suas exposições e acervo, estando à disposição dos seus visitantes com a correta mediação e contextualização. O Museu Itinerante de Geologia e Paleontologia (MIGEP) é uma ação de extensão que se compõe de uma pequena exposição e atividades educativas mediadas por alunos dos cursos de Geologia e Ciências Biológicas da UFPE e coordenada por professores do Departamento de Geologia. A iniciativa conta com um material didático com explicações sobre o ciclo das rochas, propriedades e formação de minerais, além de fósseis oriundos de diversos locais do globo, como da Bacia do Araripe e da Antártica. Esta ação pretende levar parte do acervo geológico e paleontológico da UFPE e seus conhecimentos gerados por pesquisadores, aos alunos de escolas públicas que não conseguem ter acesso aos diferentes museus e possibilidades educativas da universidade ou dos grandes centros urbanos. O MIGEP realiza suas atividades em parceria com a Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine) e com o Programa de Extensão Setorial do Centro de Tecnologia e Geociências (INTEGRA CTG), além de realizar visitas como projeto independente. Atualmente, a extensão já realizou visitação a seis municípios de Pernambuco com planos de aumentar sua área de atuação no futuro. Com isso, espera-se uma diminuição da desigualdade regional no acesso aos acervos científicos e uma maior interação dos alunos de diferentes cursos de graduação com a realidade das comunidades, tornando-os mais aptos para a licenciatura e divulgação científica, aproximando a universidade da sociedade e reduzindo as desigualdades no ensino de ciências. [Edital UFPE PIBExt 03/2024]



“PÃO OU FÓSSIL?” GEOCIÊNCIAS NAS REDES SOCIAIS

B. HÖRMANSEDER¹, C.M. VELA-ULIAN

¹Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.

b.marinho.h@gmail.com, velaulian@gmail.com

Durante a pandemia da COVID-19, o uso de redes sociais aumentou e inúmeros pesquisadores confinados em suas residências, passaram a compartilhar, não apenas suas realizações e opiniões, mas também aspectos de suas rotinas e atividades pessoais. Uma das tendências mais populares desse período foi a prática de assar pães, proliferando fotos de pães artesanais em várias plataformas. Postagens científicas misturavam-se com postagens pessoais, gerando uma *timeline* confusa. Esse cenário serviu de inspiração para uma atividade de Divulgação Científica de Paleontologia, desafiando o público a distinguir, por meio de imagens, se o objeto retratado era um pão ou um fóssil. Ao longo de 6 semanas, entre fevereiro e março de 2023, foram postadas em dias úteis 30 imagens no perfil “@bhor3D” na rede social X. Na enquete postada ao meio-dia, os usuários poderiam votar se o objeto figurado era fóssil ou pão. Além disso, informava que a enquete seria encerrada às 22h do mesmo dia, revelando o resultado. Quando este era um fóssil, era acompanhado por uma explicação. O engajamento foi contabilizado para avaliar a efetividade da ação, resultando em 32.688 votos, média de 1.089 votos por enquete. Os internautas identificaram corretamente 28 das 30 imagens, sendo as duas incorretas pães. As respostas foram agrupadas em 4 classificações: 100-80% (muito seguro), 80-60% (seguro), 60-50% (dúvida) e 50-0% (erro). Os resultados indicaram que, em 7 desafios, os participantes se sentiram “muito seguros” na resposta, em 17 se sentiram “seguros”, 4 geraram “dúvidas” e 2 foram erros. Esta atividade mostrou-se uma forma acessível de introduzir ao público não especializado o processo de identificação de fósseis. Ela também ofereceu a oportunidade de testar o conhecimento prévio e medir a evolução ao longo das enquetes. O interesse ficou evidente nas interações com as postagens, refletindo um aumento da curiosidade e da busca por informações especializadas para os desafios subsequentes. Apesar da natureza pontual, essa forma de divulgação científica mostrou-se eficaz ao engajar uma comunidade de fora do meio acadêmico, despertando o interesse por fósseis e pela paleontologia, especialmente entre aqueles que desconheciam a variedade de fósseis já descobertos ao redor do mundo.



PALEONTOLOGY MUSEUM – UMA PROPOSTA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

M.C. JUSTINO¹, M.A.A. CARDOSO¹, L.G. FREITAS¹

¹Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Universidade Regional do Cariri, Santana do Cariri, CE, Brasil.

maisa.justino@urca.br, andressaalencarc@gmail.com, isidorio45.56@gmail.com

O Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens (MPPCN) mantém atualmente diversos projetos para a permanência do material fóssilífero na região e possui projetos de conscientização, principalmente, da população local, sobre o valor que os fósseis podem fornecer para ciência e desenvolvimento econômico e social da cidade de Santana do Cariri no Ceará. Apesar da brilhante iniciativa e dos excelentes resultados do Setor Educativo, faz-se necessário sempre buscar melhorias para tais projetos. Assim, atentando-se a média de cem visitantes estrangeiros por ano, vê-se a necessidade de aperfeiçoar, na língua inglesa, a propagação do conteúdo repassado pelo educativo e a comunicação com estrangeiros dos demais que prestam serviço dentro da instituição. Na iniciativa de reforçar a importância do turismo internacional, o projeto *'Paleontology Museum - uma proposta de internacionalização'*, no Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, propõe, *a priori*, aos doze guias do Setor Educativo e, *a posteriori*, aos dez funcionários do Museu o ensino da língua estrangeira, por meio de aulas teóricas e práticas que ocorrem durante os turnos matutino, vespertino e, esporadicamente, noturno. Sob esse cenário, as crianças já realizam o guiamento, conseguem se comunicar e detêm vocabulário científico na língua inglesa. Além disso, um material didático está sendo produzido ao passo que as aulas acontecem, visando a utilização a longo prazo por funcionários e bolsistas. Dessarte, é notório que os resultados desse projeto são satisfatórios, uma vez que se faz preciso a evolução e renovação do setor educativo e do próprio Museu de Paleontologia, com propostas que agreguem positivamente no crescimento gradual da instituição e na divulgação científica do conteúdo paleontológico ímpar da Bacia Sedimentar do Araripe. [PBU, FECOP, FUNCAP]



CONTRIBUIÇÃO DAS EXPOSIÇÕES DO MUSEU CÂMARA CASCUDO NA APRENDIZAGEM DE CONCEITOS PALEONTOLÓGICOS

M.L. LIMA^{1,2}, P. GODOI³, A.P.L. COSTA¹

¹Diretoria Acadêmica de Recursos Naturais, Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Avenida Senador Salgado Filho - Tirol, Natal - RN. ²Laboratório de Paleontologia e Paleoecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário - R. das Engenharias, s/n - Lagoa Nova, Natal-RN.

³Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais, Campus Universitário de Sinop - Av. Alexandre Ferronato. 1200 - Residencial Cidade Jardim, Sinop-MT. *marciana.lima.110@ufrn.edu.br, godoipatrick3@gmail.com, anna.costa@escolar.ifrn.edu.br*

No Brasil, a Paleontologia é apresentada à sociedade por meio de duas principais modalidades: a educação não formal, que abrange principalmente os Museus, sites e canais de divulgação científica; e a educação formal, que é desenvolvida nas escolas e geralmente ministrada nas disciplinas Ciências Naturais e Biologia. Nos últimos anos, a presença da Paleontologia na educação básica tem sido amplamente debatida. A maioria dos estudiosos da temática concorda que essa ciência está inserida de forma desconexa e insuficiente nos currículos brasileiros, o que pode gerar impactos negativos tanto no processo de aprendizagem quanto na preservação do patrimônio fossilífero. Por abordarem temáticas de maneira distinta das escolas, os museus se destacam como espaços propícios para a popularização e valorização dessa ciência. Neste trabalho, foram analisadas as contribuições das visitas a museus para a aprendizagem de conceitos fundamentais em Paleontologia. A pesquisa envolveu 12 estudantes do primeiro período de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Museu Câmara Cascudo, pertencente à mesma instituição. Como intervenção, realizou-se uma mediação em três exposições do museu. Para avaliar a aprendizagem dos estudantes foram aplicados dois questionários sobre assuntos relacionados à temática, um antes da visita e outro após a visita. As respostas foram classificadas em três categorias: “Satisfatória” quando as respostas eram completas e corroboradas pela literatura; “Parcialmente satisfatória” quando as respostas apresentaram conhecimento superficial ou mínimo sobre o assunto; e “Insatisfatória” quando houve desconhecimento sobre o assunto. Os resultados mostraram que, após a visita, o público-alvo apresentou um aumento nas respostas satisfatórias e parcialmente satisfatórias, indicando um ganho significativo de conhecimento sobre Paleontologia. A pesquisa também destacou a importância da mediação durante a visita como um elemento fundamental para a aprendizagem dos visitantes.



AVALIAÇÃO DA ABORDAGEM DA PALEONTOLOGIA NO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DO CEARÁ E NO LIVRO DIDÁTICO DA PNLD 2021-2024

M.H.M. LOURENCO¹, F.A.C. MONTEIRO¹

¹Instituto Federal do Ceará - IFCE, Campus Jaguaribe, Jaguaribe, CE.
maria.helena.morais1508@gmail.com, felipe.monteiro@ifce.edu.br

A Paleontologia estuda a vida na Terra, por meio da compreensão de seus achados fósseis. No Brasil essa é uma ciência de grande destaque, com achados e descobertas de grande relevância internacional. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil, este tema deve ser abordado de forma integrada no ensino Fundamental e Médio, promovendo o desenvolvimento de competências científicas e a compreensão da evolução biológica. Desta forma, o presente trabalho procurou avaliar a presença da temática “Paleontologia” na base curricular das escolas estaduais do Ceará, analisando o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) e do livro didático “Moderna Plus - Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Universo e Evolução”, 1ª edição. A metodologia utilizada foi buscar qualquer menção à Paleontologia, através primeiramente do sumário e depois aprofundar no capítulo, no caso do livro didático. Os resultados preliminares demonstram que no DCRC, não existe sequer uma menção à palavra Paleontologia. Embora a temática evolutiva esteja bastante presente, ela se restringe às teorias evolucionistas e mecanismos de evolução, sem aprofundamento sobre os organismos e espécies que viveram no passado. Já no livro didático avaliado, há dois capítulos onde tratam da evolução dos organismos: o capítulo 3 - “Fundamentos da evolução biológica” e capítulo 10 - “A evolução humana”. No capítulo 3, há um tópico chamado “Evidências da Evolução Biológica” onde os fósseis são mencionados, embora de forma superficial. Sua definição está apresentada como “restos ou vestígios deixados por seres que viveram no passado e que revelam semelhanças e diferenças com os seres atuais.” Neste capítulo, os fósseis são apresentados como uma das formas de evidenciar a evolução. No capítulo 10, entretanto, que trata da evolução humana, são trazidos conceitos de filogenia, porém sem qualquer menção a fósseis ou Paleontologia. Apesar da Paleontologia ser uma ciência extremamente relevante e os fósseis representarem importantes patrimônios nacionais, fica evidente a falta de aprofundamento nesta temática científica. A ausência desse conhecimento nos documentos curriculares oficiais e no livro didático analisado, deixam os estudantes sujeitos à más interpretações de seus conhecimentos, suscetíveis à *fakes news* e desinformações divulgadas em mídias digitais e prejudicam a valoração dos fósseis como patrimônios nacionais.



EXPLORANDO EQUINODERMOS FÓSSEIS: MODELOS DIDÁTICOS COMO FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE PALEONTOLOGIA NA UFC

E.G. NÓBREGA¹, M. MENDES¹

¹Centro de Ciências, Depto. de Biologia, Universidade Federal do Ceará, Campus do Pici, Fortaleza, CE, Brasil.

edsonchase0@gmail.com, paleonto@ufc.br

Echinodermata é um filo de animais invertebrados exclusivamente marinhos. Na paleontologia ainda são um grupo bem emblemático, com formas diversas e distintas das que temos hoje, alguns diferem até mesmo na simetria, como os Stylophora. Assim como outros grupos, esses animais são objeto de estudo na disciplina de Paleontologia na Universidade Federal do Ceará. Logo, o atual trabalho visa a confecção de figuras artesanais com intuito de tornar mais palpável e inclusivo o conhecimento de tais organismos extintos, com foco em sua morfologia e evolução. A partir de pesquisas na internet, principalmente em bancos de imagens, e em bibliografias, foram elaborados 14 modelos didáticos feitos em biscuit representando classes extintas de equinodermos, como: Ctenocystoidea, Cincta, Stylophora, Helicoplacoidea, Edrioasteroidea, Blastoidea, Ophiocystioidea; classes atuais: Crinoidea, Asteroidea, Ophiuroidea, Echinoidea, Holothuroidea; além de *Pikaia*, o ancestral comum dos cordados; com colorações atrativas e evidenciando texturas para auxiliar na inclusão, possibilitando a percepção tanto visual quanto tátil. As figuras foram criadas à parte da disciplina, inspiradas em uma atividade da mesma. Por meio de um formulário online disponibilizado aos alunos, foram aferidas informações quantitativas sobre a aprovação das figuras passadas em aula, com perguntas sobre o auxílio do material na compreensão da disciplina, utilizando principalmente a escala Likert para obtenção das diferentes opiniões. Com resultados bastante positivos, vimos que 42,9% e 57,1% dos estudantes concordam, respectivamente, completa ou parcialmente que as figuras ajudaram a criar uma imagem mais concreta da morfologia dos animais abordados, ademais, com a mesma porcentagem, afirmam que o uso das réplicas tornaram a aula mais fluida, auxiliando também na compreensão da diversidade, aspectos evolutivos e taxonômicos. Os estudantes, em sua totalidade, afirmam que o uso de materiais artísticos (como esculturas ou réplicas) ajudam na fixação do conteúdo acerca da evolução e das diferenças dentro e fora do filo. Conclui-se que os modelos são uma estratégia eficaz de aprendizado, tornando o conhecimento mais acessível, facilitando a absorção do conteúdo visto em aula. Tendo como público-alvo os estudantes de Biologia e Geologia, os modelos ficarão como objeto didático para as futuras aulas do professor, servindo assim ao que foi proposto.



CLUBE DA EVOLUÇÃO: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM EVOLUÇÃO E PALEONTOLOGIA

G.L.S. OLIVEIRA¹, R.F. CEZAR¹, I.G.D. PEREIRA¹, M.V.W.S FLORIANO¹, H.J. SCHMITZ¹

¹Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1000, Jardim Universitário, Foz do Iguaçu, PR.

gls.oliveira.2017@aluno.unila.edu.br, rf.cezar.2021@aluno.unila.edu.br,

igd.pereira.2019@aluno.unila.edu.br, mvw.floriano.2019@aluno.unila.edu.br, hermes.schmitz@unila.edu.br

A Evolução Biológica e a Paleontologia são áreas da ciência que despertam o interesse popular e podem auxiliar na alfabetização científica. Entretanto, os temas possuem dificuldades de abordagem no ambiente escolar, sofrendo com barreiras cognitivas, vieses religiosos ou concepções equivocadas do senso comum, representações exageradas e/ou equivocadas em diferentes mídias (cinema, documentários, redes sociais, revistas), que representam organismos, predominantemente, do Hemisfério Norte. Adicionalmente, o acesso a museus é deficitário, sobretudo em porções mais distantes de grandes centros urbanos, como em Foz do Iguaçu, onde nasceu o projeto de extensão “Clube da Evolução”, buscando divulgar a paleontologia e a evolução, promovendo a interação com a população sobre o assunto. Desde 2019, foram promovidas exposições de fósseis, réplicas e rochas da Coleção Paleontológica da UNILA, conteúdo científico em eventos, escolas, feira popular e shopping, permitindo o contato direto da comunidade com o material, os membros do projeto e o conhecimento científico. Em 2021, devido a pandemia, o projeto migrou para as mídias sociais, e conta atualmente com 594 seguidores no *Instagram*, 185 no *Facebook*, 168 no *X\Twitter*, além do site *clubedaevolucao.com*. Os *posts* são publicados semanalmente, abordando de maneira descontraída, mas cientificamente acurada, temas de Evolução e Paleontologia. Destacam-se a série “Seres Fantásticos e Onde Habitavam” e “Dinomons”, *stories* interativos onde são apresentados organismos fósseis latino-americanos; *posts* que buscam explicar artigos científicos sobre evolução ou conectar o tema com o cotidiano; curiosidades sobre os bastidores do trabalho de Darwin; e conteúdos digitais de apoio para ações presenciais. Desta forma, buscou-se sensibilizar o público sobre o patrimônio fóssil com ênfase na América Latina, visando compartilhar destes conhecimentos com a população. Essa interação visa fortalecer a formação científica dos participantes, promovendo a integração entre a extensão e a pesquisa, ao traduzir para o público geral informações de artigos e bases de dados científicas; e o ensino, ao transformar uma coleção didática universitária de Paleontologia em uma “exposição itinerante”, em especial em uma localidade que carece de um Museu de História Natural, consolidando os laços com a comunidade local através deste projeto que segue ativo nas redes, e continua a divulgar ciência para todos. [UNILA/PROEX PJ038-2020, PJ030-2021, PJ072-2023, PJ046-2024].



TRUNFO DO MUSEU: “LAGARTOS TERRÍVEIS DO BRASIL!”, CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO SOBRE ESPÉCIES DE DINOSSAUROS BRASILEIROS

M.P.S. ROCHA^{1,2}, C.M.L. MEDEIROS², A.M. GHILARDI^{2,3}

¹Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. ²Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. ³Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

matheus.pinheiro.131@ufrn.edu.br, cristiana.moreira@ufrn.br, aline.ghilardi@ufrn.br

Jogos têm um potencial significativo para explorar temas científicos variados de maneira lúdica e promover a educação e a divulgação científica junto a diferentes públicos. No contexto das ciências naturais, os dinossauros se destacam como um tema de grande fascínio, capaz de despertar o interesse de diversas faixas etárias e incentivar a curiosidade científica. O presente trabalho teve como objetivo a elaboração de um jogo de cartas no estilo “Super Trunfo” sobre dinossauros brasileiros. Super trunfo é um jogo no qual os jogadores comparam características de suas cartas e o jogador com o valor mais alto ou mais baixo em determinada categoria vence a rodada. Para a construção do jogo, foram consideradas as 42 espécies válidas de dinossauros mesozoicos do Brasil. Utilizou-se as informações presentes nos artigos de descrição dos mesmos, além de outros trabalhos que contêm atualizações sobre esses animais. Com base nisso, criou-se um baralho de 42 cartas contendo o nome científico de cada espécie, uma ilustração paleoartística e uma silhueta da mesma, acompanhados de cinco características de cada animal: (i) comprimento, (ii) peso, (iii) datação do espécime, (iv) data de publicação e (v) uma curiosidade sobre a espécie. As quatro primeiras características foram criadas para serem empregadas durante as partidas, enquanto a última fornece informações que visam enriquecer a experiência do jogador. O material foi testado em uma atividade com um grupo escolar durante mediação da exposição “Dinossauros da Bacia Potiguar” no Museu Câmara Cascudo (MCC), em Natal-RN. Os resultados indicaram uma recepção muito positiva dos participantes. Os mesmos demonstraram grande entusiasmo e engajamento durante a atividade. Nenhum dos participantes conheciam as espécies de dinossauros brasileiros anteriormente. Concluímos que o jogo não apenas serve como uma ferramenta lúdica para a educação em paleontologia, mas também como um veículo de divulgação das espécies de dinossauros brasileiros, contribuindo para o aumento do conhecimento sobre a paleontologia do Brasil.



TERROR NA PALEONTOLOGIA: ATIVIDADE INTERATIVA NA “NOITE DO MALASSOMBRO” NO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (MHN/UFAL)

V.G. SILVA¹, J.L.L. SILVA¹, A.P.L. SILVA², V.M.L. FONSECA¹, D.M.S. CORREIA¹, E.O. SANTOS¹

¹Laboratórios Integrados de Paleontologia e Espeleologia do Museu de História Natural da UFAL, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Campus A. C. Simões, Maceió, AL, Brasil. ²Laboratório de Sedimentologia Aplicada do Museu de História Natural da UFAL, Instituto de Geografia e Meio Ambiente, Campus A.C. Simões, Maceió, AL, Brasil.

viviane.silva@icbs.ufal.br, jorge.silva@icbs.ufal.br, lakes_br@yahoo.com.br,

vitor_monte2009@hotmail.com, danyelle.correia@icbs.ufal.br, elielson.santos@icbs.ufal.br

O Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (MHN-UFAL) promove anualmente, no dia 31 de outubro, o evento "Noite do Malassombro". Este evento explora temas emergentes e visa fomentar reflexões sobre biodiversidade, maus-tratos aos animais e questões relacionadas ao folclore brasileiro através de seus personagens. A "Noite do Malassombro" atrai um público diversificado e, por meio de atividades lúdicas e interativas, contribui para a alfabetização científica, abordando a interseção entre ciência, tecnologia, sociedade e meio ambiente, além de esclarecer os valores sociais e políticos da ciência. A Paleontologia, frequentemente negligenciada no ensino básico e contínuo, enfrenta desafios significativos em termos de divulgação científica. Para superar essas barreiras e aumentar a conscientização sobre a importância da Paleontologia, é fundamental adotar abordagens inovadoras que alcancem diversos públicos, incluindo ambientes de ensino não formal. Nesse contexto, o Laboratório Integrado de Paleontologia e Espeleologia (LIPE), situado no Setor de Paleontologia do MHN-UFAL, participou de todas as edições da "Noite do Malassombro", no ano de 2023 desenvolveu atividades interativas na sala de exposição de Paleontologia. Uma das principais atrações foi uma simulação de caverna escura, onde os visitantes usaram lanternas para um tour imersivo no mundo pré-histórico, com foco no contexto paleontológico alagoano. Uma caixa de som escondida, reproduzia os possíveis sons de animais extintos, possibilitando uma experiência envolvente e enriquecedora. A atividade teve uma adesão significativa e positiva do público, o que incentivou o planejamento para a continuidade e expansão dessas iniciativas em futuras edições do evento. Diversificar as abordagens no ensino e na divulgação da Paleontologia pode ajudar a superar barreiras e ampliar o alcance da ciência. Portanto, a continuidade e a expansão de tais atividades têm o potencial de fortalecer a compreensão da importância da Paleontologia e enriquecer o diálogo sobre ciência e sociedade, especialmente no contexto da Paleontologia alagoana.



O FÓSSIL COMO PATRIMÔNIO DA UNIÃO: UMA PERSPECTIVA COMPARADA QUANTO A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E ELEMENTOS LEGAIS ESTRANGEIROS

A.P.C. ALBUQUERQUE¹

¹Universidade Católica de Pernambuco, Escola de Saúde e Ciências da Vida, Recife, PE, Brasil.
antonio.calbuquerque@hotmail.com.

Para enfrentar o desafio da ciência paraquedista e do tráfico de fósseis que comprometem a preservação do patrimônio científico e natural, torna-se essencial analisar a eficácia das legislações locais e compará-las com modelos internacionais. Desta forma, este resumo tem como objetivo levantar uma perspectiva comparada entre a legislação brasileira e de outros países que enfrentam problemas semelhantes, propondo identificar, dentro dos limites constitucionais brasileiros, elementos legais estrangeiros que possam inspirar o fortalecimento da legislação protetiva ao patrimônio fóssil nacional e combater práticas prejudiciais, contribuindo para uma política mais robusta e alinhada com os princípios éticos e de preservação cultural e geológica. Através do banco de dados do Google Scholar, utilizando como descritores as palavras “*Legislation*”, “*Fossil*”, “*Law*”, “*China*”, “*Argentina*” e “*Morocco*”, utilizando estudos publicados entre 2014 e 2024 e demais legislações vigentes no Brasil, como a constituição e decretos lei. A partir do texto de lei da Constituição Federal Brasileira de 1988, é possível identificar a classificação dos fósseis como bens da união ao serem citados os sítios pré-históricos, além da classificação dos sítios paleontológicos como patrimônio cultural brasileiro. Além disso, o Decreto-Lei 4.146/1942, que foi incorporado à Constituição Federal Brasileira de 1988, dispõe legalmente quanto ao patrimônio fóssil como sendo propriedade da nação e estipulando regras quanto a sua extração, sendo novamente atualizada com a Portaria DNPM N° 155/2016. Em comparação, a *State Council of the People’s Republic of China, Order No. 580: Implementation of Protection Regulations for Fossils* também revela elementos protetivos semelhantes aos brasileiros, porém, estabelece condições mais rígidas quanto a prospecção do material por estrangeiros no país, assim como a legislação Argentina, que estabeleceu o Museu Argentino de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia como o responsável pelas aplicações legais e repatriações de materiais. Desta forma, é possível identificar elementos benéficos nas legislações estrangeiras que, se aplicados em legislações nacionais, poderiam proporcionar uma maior segurança jurídica para a permanência deste patrimônio em território nacional, além de facilitar possíveis processos de repatriação de materiais traficados.



PALEONTOLOGIA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: O IMPACTO DA HERANÇA FOSSILÍFERA EM SANTANA DO CARIRI, CEARÁ

A.T.O. SALÚ¹, A.C.D. MATOS², F.P.S. JUNIOR³, C.G. DANTAS⁴

¹Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri - CE, Brasil. ²Universidade Regional do Cariri, Crato – CE. Brasil. ³Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri - CE, Brasil. ⁴Colégio da Polícia Militar - Coronel Hervano Macêdo Júnior, Juazeiro do Norte – CE, Brasil. thierry.salu@urca.br, camila.dantas@urca.br, junior.pinheiro@urca.br, cibellegomes21@gmail.com

Santana do Cariri está situada na Macrorregião do Cariri, no sul do estado do Ceará. Localizada na Bacia do Araripe, uma das maiores do Nordeste, o município abriga um dos mais importantes depósitos fossilíferos do Cretáceo no mundo. Este acervo excepcional é notável pela sua diversidade e preservação. A história da paleontologia na região remonta ao século XIX, quando, em meados de 1800, o naturalista João da Silva Feijó enviou um relatório à Província do Ceará, relatando a descoberta de animais petrificados. Posteriormente, pesquisadores estrangeiros chegaram à região em busca desses vestígios. O primeiro fóssil descrito foi identificado pelo geólogo Louis Agassiz, que descreveu um peixe, denominado *Rhacholepis buccalis*. Até 1988 a economia do município estava predominantemente voltada para a agricultura e contratos públicos. Essa realidade mudou quando o prefeito da época, Professor Plácido Cidade Nuvens, criou o Museu de Paleontologia para assegurar o patrimônio em seu local de origem. O museu foi inaugurado em 26 de julho de 1988 e, no mesmo ano, foi doado à Universidade Regional do Cariri (URCA). Segundo o fundador, a Universidade teria a competência necessária para impulsionar os estudos e pesquisas sobre a região. Atualmente, o município está inserido no território do primeiro Geopark das Américas, o Araripe UGGp, impulsionando sua inclusão em um roteiro científico. Esse reconhecimento gerou, nas últimas décadas, um novo segmento econômico na cidade, beneficiando pousadas, restaurantes, taxistas, guias de turismo e lojas de *souvenirs* com o aumento do turismo. Como estudo de caso, podemos destacar a Loja Mundo Cretáceo, localizada no interior do Museu de Paleontologia. Criada em 2022, a loja alcançou um faturamento de R\$117.000,00 em seu primeiro ano de operação. O espaço oferece réplicas confeccionadas a partir do rejeito do calcário laminado, além de áreas dedicadas a artesãos locais e à literatura científica e regional. Diante desses fatos, é fundamental reconhecer o legado deixado por Plácido Cidade Nuvens e associar o desenvolvimento do município à implantação do Museu de Paleontologia, conscientizando as gerações futuras sobre a importância do valioso patrimônio que possuímos.



A FLORESTA FÓSSIL DE MATA: UM ESTUDO DE CASO PARA A IDENTIFICAÇÃO DE BENS PALEONTOLÓGICOS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

L.P. TROIANO¹

¹Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), SEPS 702/902 Centro Empresarial Brasília 50, Torre Iphan, Asa Sul, 70390-025, Brasília, DF, Brasil.

troiano.leonardo@hotmail.com

A crescente onda de movimentos populares pelo retorno e restituição de fósseis sustentados na ideia de que esses artefatos integram o patrimônio cultural brasileiro - e.g., o Caso “*Ubirajara jubatus*” - tem fomentado debates sobre a legitimidade dessa perspectiva. A identificação de valores culturais associados a bens paleontológicos, sejam eles sítios ou bens móveis, consiste de levantamento de informações através de processos escuta, documentação e registro, sendo parte essencial do reconhecimento, e possível subsequente acautelamento, de tais bens como patrimônio cultural, indo além de seu valor científico inerente. O reconhecimento da relação entre os bens em questão, estes valores e a memória e identidade de grupos formadores da sociedade brasileira é o que explicita seu valor patrimonial cultural. Nesse sentido, este estudo propõe uma metodologia preliminar e abrangente, nos termos da Portaria 375/2018 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para a elaboração de processos de identificação e reconhecimento desses bens e seus valores culturais buscando esclarecer dúvidas sobre as estratégias de abordagem de bens paleontológicos no âmbito dos estudos de patrimônio cultural. A análise presente se realiza por meio de um estudo de caso concentrado no município de Mata, no Rio Grande do Sul, e nos fósseis, majoritariamente vegetais, que ali ocorrem. Através dos instrumentos de identificação e reconhecimento foi possível identificar que os fósseis ocorrentes em Mata possuem grande relevância para a história, a cultura e a identidade dos munícipes, uma vez que integram tanto o espaço público quanto o privado, seja na forma de monumentos, objetos de afeto em espaços domésticos, ou como matéria-prima da paisagem urbana deste município. A identificação destes valores culturais associados ao patrimônio paleontológico matense atesta para necessidade premente de consolidação de estratégias particulares ao patrimônio paleontológico brasileiro.



MACRO-CHARCOAL NA FORMAÇÃO CRATO COMO PROXI DA DINÂMICA DE PALEOINCÊNDIOS NO CRETÁCEO INFERIOR DA BACIA DO ARARIPE

E.B. MOURA¹, N.C. OLIVEIRA², A. JASPER⁴, A.A.F. SARAIVA^{1,2}, F.J. LIMA^{1,2,3}

¹Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Recursos Naturais, Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato, CE. ²Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri, CE. ³Núcleo de Biologia do Centro Acadêmico de Vitória- CAV-UFPE, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, PE. ⁴Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Vale do Taquari-Univates, Lajeado, RS.

eugenio.moura@urca.br, naiara.cipriano@urca.br, alamocariri@yahoo.com.br, ajasper@univates.br, flaviana.jorge@ufpe.br

Paleoincêndios desempenham um papel crucial na dinâmica dos ecossistemas e na evolução da biosfera. No Brasil, o registro de paleoincêndios na forma de *macro-charcoal* em formações geológicas do Cretáceo é relativamente escasso, com ocorrências concretas concentradas nas bacias do Araripe (Nordeste) e Takutu (Norte). Este estudo tem como objetivo expandir o conhecimento sobre os eventos de paleoincêndios na Bacia do Araripe, apresentando evidências na Formação Crato, com ênfase na associação inédita de *macro-charcoal* e âmbar. Foram analisados quatro espécimes coletados nas Minas Pedra Branca e Aurélio, localizadas nos municípios de Santana do Cariri e Nova Olinda, respectivamente. Estes espécimes estão depositados nas coleções do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens e do Laboratório de Paleontologia da URCA, sob as siglas MPSC PL e LPU-C, seguidos de numeração individual específica. Para as análises em Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV), foram retirados pequenos fragmentos dos espécimes, preparados segundo os planos de cortes, transversal, longitudinal, tangencial e radial, fixados em suportes de alumínio e metalizados com uma camada de prata de 20 nm. Além das características macroscópicas, como coloração negra, brilho sedoso e mancha ao toque, as imagens obtidas por MEV revelam paredes celulares homogeneizadas, característica distintiva de ação do fogo pré-deposicional sobre os lenhos. Os elementos anatômicos preservados incluem traqueídes com pontoações areoladas uni e bisseriadas, fibras, campos de cruzamento e raios homocelulares com até dezoito células de altura. O âmbar, observado a olho nu em tons de castanho a avermelhado, foi visualizado em MEV, preenchendo cavidades dos lenhos carbonizados, como lúmens traqueídeos e pontoações. Os resultados deste estudo fornecem evidências sólidas da ocorrência de paleoincêndios na Formação Crato, assim como auxiliam na identificação taxonômica desses lenhos, como membros de gimnospermas, especificamente coníferas, sobretudo pela presença de raios homocelulares, pontoações areoladas, campos de cruzamentos, forma e arranjo das pontoações. Vale salientar que o estudo está em andamento e que análises mais detalhadas da anatomia dos lenhos e dos perfis químicos do âmbar ainda serão conduzidas para uma definição de caracteres mais precisos, os quais servirão de base para o estabelecimento de afinidades taxonômicas mais seguras. [CAPES-88887.717875/2022-00, BP5-0197-00172.01.00/22].



PALEOMICOLOGIA NO BRASIL: UMA BREVE HISTÓRIA

E.C.R. NASCIMENTO¹, A.S.A.A. MONTE¹, A.M. GHILARDI², B.T. GOTO¹

¹Departamento de Botânica e Zoologia, Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus universitário, 59072970 - Natal, RN, Brasil. ²Departamento de Geologia, Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rua das Engenharias, s/n, Lagoa Nova, 59078970 - Natal, RN, Brasil.

elaine.cristina.rodrigues@ufrn.br, andre.monte.126@ufrn.edu.br, aline.ghilardi@ufrn.br, brunogoto@hotmail.com

A paleomicologia estuda os fungos fósseis e suas interações ao longo do tempo geológico. Embora se conheça fósseis do Proterozoico, apenas a partir do Paleozoico os registros se ampliam, devido principalmente aos estudos realizados no *Rhynie chert* (Escócia). No Brasil, apesar das inúmeras bacias sedimentares, trabalhos sobre fungos fósseis permanecem escassos. Com intuito de inventariar a riqueza de fungos fósseis no Brasil, buscou-se publicações em bases de dados como *Google Scholar* e *Web of Science*, utilizando termos como: “fossil”, “fungi”, “fungal”, “Brazil”, “fungo” e “Brasil”. Foram considerados apenas artigos publicados em periódicos indexados e registros fósseis encontrados até o Pleistoceno. Para análise do tema no Brasil, considerou-se informações sobre: idade do depósito, localidade de origem, tipo de fungo, filo, tipo de hospedeiro (quando pertinente) e relações ecológicas com o hospedeiro (quando disponível). Quando a indicação do filo reportado estava ausente no trabalho, foi realizada uma busca em bancos de dados como o *Index Fungorum*, *Mycobank* e *Royal Botanic Garden*. Foram encontrados 13 artigos, contendo 193 ocorrências de fungos fósseis. Desse total, 61% são estudos paleopalinológicos e cerca de 23% relatam fungos associados a hospedeiros vegetais (lenhos fósseis e rizólitos). Foram encontrados representantes dos filos Ascomycota, Basidiomycota, Glomeromycota e Chytridiomycota. Contudo, a maioria dos trabalhos não indicam classificação taxonômica a nível de filo. Quanto à idade dos depósitos, 69% datam do Cenozoico e 31% do Mesozoico, distribuídos em seis estados (PA, CE, SE, RJ, SP e RS). Vale ressaltar que o único e mais antigo registro fóssil de basidioma em rocha foi encontrado no CE, uma descoberta raríssima, pois, todos os cogumelos lamelados relatados na literatura foram encontrados em âmbar. Não há registros de fungos fósseis paleozoicos no Brasil. Analisando as interações ecológicas, destacaram-se as fitopatogênicas, saprofíticas, epifíticas e micorrízicas arbusculares. Em suma, o trabalho demonstra o subdesenvolvimento dos estudos paleomicológicos no Brasil. Além disso, os trabalhos são limitados taxonomicamente, bem como no registro das relações ecológicas. Estudos que explorem a associação em tecidos vegetais e hospedeiros animais também devem ser ampliados, a fim de promover essa diversidade ainda pouco explorada nas bacias sedimentares brasileiras.



ANATOMIA DO CAULE DE UMA POSSÍVEL GNETÓFITA DA FORMAÇÃO CRATO

M.I.A. SILVA¹, D.M. CONCEIÇÃO², M.E.P. BATISTA²

¹Laboratório de Paleometria do Cariri - LAPAC, Universidade Regional do Cariri - URCA, Juazeiro do Norte, CE, Brasil. ²Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri, CE, Brasil. mariaisabel.andrade@urca.br, domingas.paleonto@gmail.com, edenilce.peixoto@urca.br

A Formação Crato da Bacia do Araripe (Aptiano) é constituída por espessas camadas de calcários laminados. Em sua abundante e variada paleoflora, encontram-se predominantemente coníferas, pteridófitas, angiospermas e gnetófitas. As gnetófitas, segundo a moderna classificação das embriófitas, alocam-se em uma posição evolutiva única na filogenia de plantas com sementes. Na Formação Crato, são representadas sobretudo por ramos estéreis, estruturas reprodutivas isoladas, ou mesmo espécimes completos. Apesar de frequentes, a anatomia das gnetófitas da Formação Crato é pouco conhecida. Dessa forma, é descrita aqui a anatomia do caule de um espécime possivelmente vinculado a esse grupo, que se encontra depositado no acervo do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, em Santana do Cariri, Ceará. Para as análises, fragmentos do caule foram removidos e alocados em *stubs* utilizando fita de carbono. Posteriormente, as amostras foram metalizadas com ouro e observadas em Microscopia Eletrônica de Varredura no Laboratório de Engenharia de Materiais da Universidade Federal do Cariri. O espécime analisado apresenta morfologia semelhante à das Ephedraceae, como ramos estriados longitudinalmente e ramificação oposta nos nós. Em seção transversal, observa-se a região cortical, medula com células de paredes espessadas e cilindro vascular do tipo eustelo, organização que ocorre em caules de gimnospermas e angiospermas (dicotiledôneas). Em seção longitudinal, foram observados espessamentos anelares em células do xilema. Além disso, estavam presentes numerosas células com variados formatos conectadas por protuberâncias dispostas aleatoriamente nas paredes. Essas conexões possuem perfurações semelhantes a plasmodesmos. Células com aspecto semelhante foram encontradas em *Okoubaka aubrevillei* Pellegr. & Normand, espécie vivente da família Santalaceae, angiosperma presente em florestas tropicais da África Ocidental e Central. No trabalho sobre a referida espécie, as células observadas foram descritas como células do parênquima disjuntivo, que, segundo o estudo, pode representar uma vantagem biomecânica, resultado de tensões e rearranjos do tecido durante o processo de diferenciação. Esta é a primeira vez que essas células são encontradas no registro fóssil, instigando ao aprofundamento das análises para melhor compreensão do seu papel taxonômico e sua respectiva função nos diferentes grupos de plantas. [FUNCAP: BP5-0197-00135.01.00/22; FUNCAP UNI-0210-00102.01.00/23 e PV-00424072/2022].



GASTRÓPODES COM MARCAS DE RESTAURO NA FORMAÇÃO JANDAÍRA, CRETÁCEO SUPERIOR DA BACIA POTIGUAR

W.B.S. ALMEIDA^{1,2}, J.H.B. XAVIER^{2,3}, P.A.C. TOLIPAN^{2,3}, C.L.A. SANTOS²

¹Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Lagoa Nova, 59078-970, Natal, RN, Brasil. ²Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo, Av. Hermes da Fonseca 1398, 59020-650, Natal, RN, Brasil. ³Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

almeida.wbs@gmail.com, xavierjbueno@gmail.com, ptolipan@gmail.com, claude.aguilar@ufrn.br

O registro fóssil dos gastrópodes é composto primariamente por suas conchas espirais, e estas, por sua vez, podem servir de registro de interações destes animais na forma de marcas de restauro ou quebras. Estes registros são alterações abruptas em relação à linha de crescimento das conchas e quando encontradas significam precisamente que o organismo sobreviveu a algum evento adverso e conseguiu secretar novamente camadas para reparar o dano, formando cicatrizes. A Formação Jandaíra representa um contexto marinho de idade Neocretácica (Turoniano - Campaniano) da Bacia Potiguar, sendo abundante em macrofósseis de invertebrados, principalmente gastrópodes. Todavia, estes organismos são usualmente preservados na forma de moldes internos ou com a concha bastante recristalizada. Recentemente, espécimes oriundos do município de Alto do Rodrigues, localizado na porção central emergida da Bacia Potiguar, foram descritos com a concha bem preservada e possuindo marcas de restauro, possibilitando novas inferências ecológicas. Os espécimes MCC.C2.366 e MCC.C2.1502 são atribuídos a *Neritimorpha* e *Trochoidea*, respectivamente, dois grupos recentemente reportados para a formação. Ainda que marcas de restauro não sejam incomuns na literatura, esta é a primeira ocorrência para a unidade. Os dois registros diferem consideravelmente: em MCC.C2.366 a cicatriz de restauro, ocorre na volta corporal em formato semicircular; em MCC.C2.1502 a cicatriz difere, sendo um traço retilíneo de quebra na concha, mais parecido com uma fratura. As duas cicatrizes são possíveis resultados de predação mal-sucedida. Estes padrões são comumente atribuídos a crustáceos decápodes, todavia a sua ausência no afloramento e baixa abundância na unidade tornam a sua atribuição duvidosa, deixando em aberto a possibilidade de ter sido produzido por outros táxons. A diferença de tamanho das conchas e do padrão das quebras apontam para a possibilidade de predadores distintos. Este trabalho evidencia duas novas interações ecológicas para a Formação Jandaíra, sendo mais um passo para uma futura compreensão mais específica e mais elaborada das teias ecológicas da unidade.

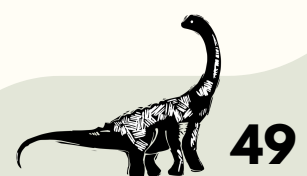


NOVOS REGISTROS DE CURCULIONOIDEA DA FORMAÇÃO CRATO, BACIA DO ARARIPE, NORDESTE DO BRASIL

E.S. ARAÚJO¹, M.A.P. DINO¹, N.C. OLIVEIRA², A.P. STORARI³, F.J. DE LIMA⁴

¹Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Recursos Naturais, Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil. ²Departamento de Física, Universidade Regional do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, Brasil. ³Staatliches Museum für Naturkunde Stuttgart, Departamento de Entomologia, Stuttgart, Alemanha. ⁴Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Vitória de Santo Antão, PE, Brasil. elane.soares@urca.br, alinedino24@gmail.com, naiara.cipriano@urca.br, arianny.storari@ufes.edu.br, flaviana.jorge@ufpe.br

Curculionoidea é uma superfamília de Coleoptera, popularmente conhecidos como gorgulhos, possui abundante diversidade e quantidade de representantes atuais e fósseis. As famílias Nemonychidae, Belidae, Brentidae, Eccoptarthridae e Curculionidae são representantes deste grupo com registros fossilíferos na Formação Crato, Bacia do Araripe. No presente estudo, foi realizado uma análise e descrição de novos espécimes de Curculionoidea para esta formação. Os fósseis estão depositados no Laboratório de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri, onde foram preparados mecanicamente e submetidos à análise por microscopia eletrônica de varredura, para melhor descrição morfológica. Os quatro novos representantes do grupo correspondem a dois novos registros de Nemonychidae, uma família mais primitiva, e dois de Curculionidae, uma família mais recente. Os espécimes LPU-1495 e LPU-4648 possuem antenas do tipo reta (Nemonychidae), foram alocados na subfamília Eobelinae, pois as procoxas estão localizadas próximo à margem basal do protórax e antenas inseridas submedialmente, são classificados na tribo Oxicorinoidini pelo tamanho do corpo e tarsômeros mais estreitos que as tíbias. O espécime LPU-1495 possui fronte fortemente convexa, rostro quase cilíndrico na base, olhos redondos e pronoto com carenas laterais, características diagnósticas do gênero *Cratomacer* (Nemonychidae: Eobelinae). Porém difere das espécies do gênero por possuir olhos fortemente convexos (não convexos em *C. immersus*) e não possuir sulcos basais no rostro ou pronoto em forma de sela (presente em *C. ehippiger*). LPU-4648 não pode ser alocado em nenhum gênero da tribo, pois possui o rostro quase cilíndrico na base e os élitros são quase retangulares (diferente de *Cratomacer*). Os espécimes LPU-1897 e LPU-1899 pertencem a Curculionidae por possuírem antena geniculada. LPU-1897 foi alocado em Conoderinae (Curculionidae) por possuir olhos dorsalmente subcontíguos e grandes, separados por uma frente estreita. LPU-1899 foi alocado na subfamília Curculioninae por possuir os olhos arredondados e classificado na tribo Anthonomini por possuir olhos proeminentes. Os dois últimos espécimes diferem de *Araripehinus monnei* (Curculionidae), pois não possuem tubérculos nas margens internas dos olhos e pelo tamanho do corpo. A partir desse estudo novos gêneros e espécies serão sugeridos para Curculionoidea da Formação Crato, ampliando o conhecimento deste grupo para o Cretáceo Inferior. [INCT PALEOVERT 406902/2022-4 e CAPES 88887.952175/2024-00].



COLONIZAÇÃO DE BRIOZOÁRIOS EM RESTOS DE PYCNODONTIFORMES DA FORMAÇÃO JANDAÍRA (TURONIANO - CAMPANIANO), BACIA POTIGUAR

V.P.G. COSTA¹, P.A.C. TOLIPAN², C.L.A. SANTOS¹, T. AURELIANO³, A.M. GHILARDI⁴

¹Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo, Av. Hermes da Fonseca, 1398, Tirol, Natal, RN, Brasil.

²Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista - São Cristóvão, Rio de

Janeiro, RJ, Brasil. ³Departamento de Biologia Química, Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato,

CE, Brasil. ⁴Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Senador

Salgado Filho, s/n, Lagoa Nova, 59078-900, Natal, RN, Brasil.

vitorporpinogc@gmail.com, ptolipan@gmail.com, claude.aguilar@ufrn.com, aureliano.tito@gmail.com,

aline.ghilardi@ufrn.com

A Formação Jandaíra (Turoniano-Campaniano), da Bacia Potiguar, é composta, predominantemente de carbonatos depositados em diferentes ambientes marinhos rasos. Neste contexto, diversos fósseis de organismos já foram reportados, como folhas de angiospermas, peixes ósseos, um quelônio, gastrópodes, bivalves, cefalópodes, equinóides, tubos de poliquetas, corais escleractíneos, esponjas e briozoários. No afloramento “Pedreira Marajó”, localizado no município de João Câmara, Rio Grande do Norte, há dois principais níveis fossilíferos reconhecidos, o nível inferior, com o predominância de bivalvíos e o nível, superior, caracterizado pela predominância de folhas de angiospermas. Neste trabalho reportamos a primeira ocorrência de Pycnodontiformes para o afloramento Pedreira Marajó, encontrado em um nível intermediário, transicional entre os níveis superiores e inferiores, onde discutimos aspectos relacionados à sua associação com briozoários. O material reportado é composto de um pré-articular de Pycnodontiformes com 20,60 mm de comprimento e 18,00 mm de largura, com duas fileiras de dentes incompletas, ambas compostas de três dentes alongados a ovalados, recobertas por briozoários. Tal padrão difere do material descrito como *Potiguara rosadoi* Silva Santos, 1963, que apresenta fileiras de dentes em sua maioria redondos a ovalados e apenas uma fileira no pré-maxilar de dentes alongados a ovalados. A morfologia colonial do briozoário é unilamelar incrustante, possuindo zoécio sem paredes calcárias e sem ornamentações aparentes. Esta morfologia está associada à exploração do substrato de maneira rápida, na qual a colônia ocupa a maior área possível disponível, excluindo outros incrustantes competitivamente (serpulídeos, bivalves e outros briozoários). Este tipo de colônia está associado a um comportamento oportunista e uma baixa disponibilidade de substratos consolidados. A presença dos briozoários, indicam uma exposição subaquosa dos restos de Pycnodontiformes pós-mortem, indicando uma baixa taxa de sedimentação.



AMONOIDES DA BACIA POTIGUAR: ESTADO DA ARTE PRELIMINAR, NOVOS REGISTROS E PERSPECTIVAS FUTURAS

J.V. DIONÍSIO¹, P. TOLIPAN^{1,2}, J.H.B. XAVIER¹, C.L.A. SANTOS¹

¹Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo (MCC), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. ²Laboratório de Paleoinvertebrados (LAPIN), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

joao.dionisio.712@ufrn.edu.br, ptolipan@gmail.com, xavierjbueno@gmail.com, claudesantos021@gmail.com

A presença de amonoides no Brasil é registrada nas bacias marginais durante o período Cretáceo, sendo a Bacia Potiguar uma delas. Entretanto, faz quase duas décadas da última revisão dos amonoides encontrados na bacia. A partir disso, a proposta do trabalho foi realizar um estado da arte das ocorrências, descrições e acondicionamento de amonoides da Formação Jandaíra. A pesquisa abrangeu a revisão bibliográfica preliminar sobre a ocorrência de amonoides da Bacia Potiguar. Foram analisados resumos, artigos, dissertações e teses. Adicionalmente, fizemos análise dos exemplares disponíveis na Coleção de Paleontologia Jerônimo Vingt-un Rosado do Museu Câmara Cascudo (MCC), com estudo taxonômico de três novos fragmentos de amonites. Na revisão bibliográfica os grupos mais abundantes distribuem-se em onze famílias distintas, das quais, nove exemplares pertencem à família *Coilopoceratidae*. Os gêneros descritos para formação de maior abundância são: *Coilopoceras* com registro de oito espécimes e *Pachydiscus* com quatro. Os amonoides da bacia estão distribuídos por doze localidades, em sete municípios diferentes. Dez delas estão situadas no RN e duas no CE; destas, dez levantadas pela literatura e três novos registros dos espécimes analisados no MCC, um em Alto do Rodrigues, um de Gov. Dix-Sept Rosado e um possível, da mesma localidade do último espécime. Os materiais levantados encontram-se em diferentes coleções pelo Brasil, prevalecendo primariamente em Pernambuco e, secundariamente, no Rio de Janeiro. Sete distribuídos no RN e CE. Há outros seis mencionados sem numeração de identificação cujo destino é desconhecido. Há também dois exemplares citados sob guarda da UFERSA, listados em seus fósseis. A princípio as ocorrências se distribuem de maneira concentrada onde afloram as sequências mais recentes da Formação Jandaíra. Atualmente, apenas três fragmentos e um possível exemplar estão acondicionados no estado do RN, sendo um resultado histórico do investimento e distribuição de centros de paleontologia no Nordeste. Todavia, as últimas ocorrências em função da recente exploração de afloramentos na Formação Jandaíra revelaram novas ocorrências, e, conseqüentemente, possibilidades de estudo a respeito dos amonóides da Bacia Potiguar, indicando que os hiatos de publicações devem-se não só à escassez de material, e que ainda há muito potencial a ser descoberto.



DISTRIBUIÇÃO PALEOGEOGRÁFICA E EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DE PALAEONTINIDAE (HEMIPTERA, INSECTA)

D.R.S. GOMES¹, E.S. SANTOS¹, G.G. PINHO², E.B.S. FILHO¹, A.A.F. SARAIVA¹

¹Laboratório de Paleontologia da URCA, Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil. ²Laboratório de Paleontologia da UFES, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
daviresnato@gmail.com, santosednalva984@gmail.com, gustavopinho799@gmail.com, edilson.bs@gmail.com, alamocariri@yahoo.com

Entre os insetos hemimetábolos, a ordem Hemiptera é a mais diversificada, dividida em quatro subordens: Auchenorrhyncha; Coleorrhyncha; Heteroptera e Sternorrhyncha. Sendo a primeira, o grupo da qual faz parte Palaeontinidae, família mesozoica caracterizada por possuir corpo avantajado e coberto por cerdas, rostro alongado, asas proeminentes com venação característica do grupo, conhecidos como “cigarras gigantes”. As informações sobre esta família estão fragmentadas e dispersas. Os poucos trabalhos que reúnem esses dados estão desatualizados, necessitando de revisões. Aqui compilamos informações sobre a distribuição de Palaeontinidae mundialmente destacando caracteres importantes na morfologia do grupo. Realizamos um levantamento bibliográfico que incluiu artigos de descrição de espécimes e livros de paleoentomologia. No Triássico são descritos os mais antigos espécimes dessa família, onde determinados fósseis apresentam manchas ocelares em suas asas, padrão de coloração incomum para o próprio grupo, e estão distribuídas em três formações distintas: Formação Amisan (Coreia do Sul); Formação Elliot (África do Sul); Formação Madygen (Quirguistão). Já no Jurássico, ocorre a maior diversidade da família, acompanhada por uma maior expansão geográfica na Eurásia e Oceania, incluindo diferentes regiões da China, como as formações Jiulongshan, Tiaojishan, Badaowan e Yixian, além da Alemanha com a formação Solnhofen, e da Austrália com a formação Talbragar. Neste mesmo período autores reconhecem dois grupos/formas para esses organismos: aqueles com características alares mais basais e os Palaeontinidae “tardios”, com caracteres mais derivados em suas asas. Essas modificações permitiram melhor acoplamento entre as asas dianteiras e traseiras, maior rigidez na borda das asas anteriores e uma redução nas posteriores, e melhorando a estabilidade e controle durante o voo, tornando-os voadores mais versáteis. seguindo até o Cretáceo onde o grupo se extingue, ao que tudo indica iniciando na Eurásia e por fim na América do Sul, as localidades onde podem ser encontrados registros fossilíferos dessa família é na Formação Yixian (China), Formação Formação Montsec (Espanha), Formação Weald Clay (Inglaterra) e Formação Crato (Brasil). As principais hipóteses postuladas para o declínio do grupo são o surgimento de predadores como aves e mamíferos, perda de vegetação associada a alimentação, como as Gimnospermas da ordem Ginkgoales, e mudanças drásticas de temperatura. [CNPq/159433/2024-0]



ESTUDO MORFOLÓGICO DAS ESCAMAS DE LEPISOSTEIFORMES DO NEOJURÁSSICO DE PERNAMBUCO (FORMAÇÃO ALIANÇA, BACIA DE JATOBÁ)

R.A.M. CARVALHO¹, M.A.G. DE FRANÇA²

¹Universidade Federal do Vale do São Francisco, Colegiado de Ciências Biológicas, Petrolina, PE, Brasil.

²Laboratório de Paleontologia e Evolução de Petrolina, CEMAFUNA Caatinga, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, Brasil.

digocarvai@gmail.com, marco.franca@univasf.edu.br

Lepisosteiformes é uma Ordem Actinopterygii (nadadeiras raiadas) cujos únicos sobreviventes atuais são os “Gars” (*Atractosteus* e *Lepisosteus*) que habitam a América do Norte e América Central, mas com uma maior diversidade cosmopolita no passado, desde o Triássico Médio. Tal grupo taxonômico tem seus registros fósseis localizados na Formação Aliança (Bacia de Jatobá), sendo que o material mais abundante são as escamas, caracterizadas pela presença de uma camada de ganoína, formato rombóide e presença de articulação *peg-and-socket*. O presente trabalho tem como objetivo delimitar as morfologias das escamas ganóides de Lepisosteiformes coletados na Formação Aliança (Bacia de Jatobá), depositados no Laboratório de Paleontologia e Evolução de Petrolina (LAPEP) e localizado no CemaFauna/UNIVASF, visando contribuir com sua descrição e identificação taxonômica. Essa pesquisa analisou aproximadamente 300 escamas, utilizando ferramentas como um paquímetro analógico da marca *Insize* e uma câmera modelo *Canon T5i* para medir as estruturas presentes nas amostras e registrá-las para a identificação e descrição da morfologia, subsidiadas através de levantamento bibliográfico. Assim, foi possível estabelecer 27 morfótipos com base nas características presentes nas escamas como a presença ou não de ganoína contínua ou descontínua, ornamentação sobre a ganoína, articulação *peg-and-socket*, presença ou ausência de projeção, tamanho, formato da escama e estruturas específicas relacionadas à espécie ou localidade de inserção no corpo. Os resultados alcançados acabaram na criação de 27 morfótipos junto de uma descrição detalhada das características, que entre os morfótipos criados, três deles merecem destaque. O morfótipo um, constituído por escamas de formato retangular, camada de ganoína descontínua e articulação *peg-and-socket* grande e desenvolvida, ambas as estruturas medindo 4,48 mm e 6,15 mm de altura, possivelmente relacionadas ao gênero *Bawitius*. O morfótipo oito pode ser designado a *Lepidotes souzai*, pois as escamas deste morfótipo possuem formato rombóide, ganoína descontínua com a presença de ranhuras, características similares ao táxon. E por fim, *Lepidotes dixseptiensis* possui escamas rombóides, ganoína contínua e com uma projeção localizada na região posterior, que são características presentes no morfótipo 15. Com tais resultados alcançados, é possível determinar a presença de mais um táxon de Lepisosteiformes para a Formação Aliança. [CNPq 148372/2023-6; Projetos CNPq 442712/2020-0; FACEPE APQ-0388-2.04/21]



NOVAS INFORMAÇÕES SOBRE PYCNODONTIFORMES FÓSSEIS DO SEMI-ÁRIDO: DIVERSIDADE E DISTRIBUIÇÃO DO CLADO NA FORMAÇÃO JANDAÍRA (TURONIANO - CAMPANIANO), BACIA POTIGUAR

V.P.G. COSTA¹, A.M. GHILARDI^{1,2}, T. AURELIANO³

¹Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Hermes da Fonseca, 1398, Tirol, Natal, RN, Brasil. ²Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Av. Senador Salgado Filho, s/n, Lagoa Nova, 59078-900, Natal, RN, Brasil.

³Departamento de Biologia Química, Universidade Regional do Cariri, Rua Cel. Antonio Luiz, 1161, Pimenta, 63105-000, Crato, CE, Brasil.

vitorporpinogc@gmail.com, aline.ghilardi@ufrn.com, aureliano.tito@gmail.com

Pycnodontiformes é um grupo de actinoptérigeos durófagos, de ocorrência do Triássico Superior ao Eoceno. Na Formação Jandaíra, apenas um exemplar completo foi descrito até o momento, o holótipo de *Potiguara rosadoi* Silva-Santos, 1963. Porém, diversos materiais isolados já foram reportados, todos atribuídos à *P. rosadoi*. O presente trabalho teve como objetivo analisar espécimes associados à Pycnodontiformes das coleções do Museu Câmara Cascudo e do Laboratório de Paleontologia e Paleoecologia do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os materiais foram analisados por meio de estereomicroscópio binocular e medidos com paquímetro analógico. Os espécimes compreendem: uma sequência de dentes pré-articulares, de 23,84 mm de comprimento e 23,44 mm de largura, encontrada no município de Governador Dix-sept Rosado-RN; um pré-articular de 20,60 mm de comprimento e 18,00 mm de largura, com dentes recobertos por calcita, encontrado em João Câmara-RN; uma fileira de dentes pré-articulares de 30,00 mm de comprimento, ainda parcialmente cobertos por sedimento, encontrados em Apodi-RN; e um dente isolado, com 3,10 mm de comprimento e 8,20 mm de largura, encontrado em Alto do Rodrigues-RN. Com base nas análises, observou-se a presença de desgaste linear na camada de esmalte dos exemplares de Governador Dix-sept Rosado e Alto do Rodrigues, sendo o desgaste mais evidente e intenso no primeiro, o que permitiu determinar as áreas utilizadas pelo indivíduo para mastigar. O exemplar de Governador Dix-sept Rosado apresenta as fileiras de dentes oblíquas, com formato alongado, sendo mais similar ao gênero *Anomoeodus* Forir, 1887. O material de Apodi apresenta apenas uma fileira com quatro dentes expostos, todos alongados e de tamanho semelhante a *Macropycnodon megafrendodon* Shimada, 2010. Já o material de João Câmara também possui fileiras de dentes alongados, porém sem angulação aparente das fileiras, o que os diferencia do gênero *Potiguara*. Já o espécime de Alto do Rodrigues, devido ao seu estado fragmentário, não pôde ter sua afinidade taxonômica determinada. Este estudo expande o registro de Pycnodontiformes da Formação Jandaíra para novas localidades e aumenta a diversidade conhecida do grupo, com a possível identificação da primeira ocorrência de *Anomoeodus* na região.



APONTAMENTOS SOBRE A DIVERSIDADE E DISTRIBUIÇÃO DOS DIPNOICOS DURANTE O PERMIANO

A.E. QUEZADO^{1,2}, H. FRANCISCHINI¹, J.C. CISNEROS³, C.L. SCHULTZ¹, P. DENTZIEN-DIAS¹

¹Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Avenida Bento Gonçalves, 9500, Porto Alegre, RS, Brasil. ²Laboratório de Geociências e Paleontologia, Universidade Federal do Piauí, Campus Amílcar Ferreira Sobral, BR- 343, km 3,5, Floriano, PI, Brasil. ³Museu de Arqueologia e Paleontologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.
ana.emilia@ufpi.edu.br, heitor.francischini@ufrgs.br, juan.cisneros@ufpi.edu.br, cesar.schultz@ufrgs.br, pauladentzien@gmail.com

Os peixes pulmonados (Sarcopterygii, Dipnoi) estão registrados do Eodevoniano ao recente. Apesar do registro contínuo, o grupo enfrentou diversos momentos de queda e ascensão da diversidade. Um dos períodos geológicos fundamentais na compreensão da evolução deste grupo é o Permiano. Desta forma, o presente resumo abordará a distribuição geográfica dos dipnoicos durante o Permiano. Através do levantamento de dados bibliográficos (osteológicos e icnológicos) e de bases de dados online (*Paleobiology Database; Mindat*) foi possível contabilizar localidades fossilíferas e aspectos taxonômicos. Para o Eopermiano são conhecidas, 5 localidades para o Gondwana. Estas estão localizadas na Bacia do Parnaíba, no Maranhão e Piauí, Brasil, e no Omã. Já na Laurásia, são conhecidas 42 localidades, a maioria nos Estados Unidos da América (EUA) e na Alemanha. No Permiano Superior do Gondwana, há pelo menos 10 localidades no Brasil (São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul). Na Laurásia, os registros e localidades estão restritos à Rússia. Quanto à biodiversidade, são conhecidos 10 gêneros (*Ceratodus(?)*, *Conchopoma*, *Ctenodus*, *Gnathorhiza*, *Megapleuron*, *Monongahela*, *Permoceratodus*, *Percephonichthys*, *Proceratodus* e *Sagenodus*) e 16 espécies descritas, sendo treze destas para o Permiano Inferior. Destaca-se que as espécies formalmente descritas são provenientes de regiões da Laurásia. Diversos materiais foram atribuídos a *Conchopoma*, *Gnathorhiza* e *Sagenodus* no Eopermiano e *Ceratodus(?)* e *Gnathorhiza* para o Neopermiano, enquanto outros espécimes foram identificados como Ceratodontidae e Gnathorhizidae. Entre os gêneros previamente citados, 7 são monoespecíficos. *Sagenodus* foi encontrado apenas no Eopermiano da Laurásia, possui duas espécies descritas e é amplamente reconhecido nas rochas dos EUA, com pelo menos 31 localidades identificadas. *Gnathorhiza* é o gênero mais abundante, com 7 espécies e está presente em 26 localidades do Gondwana e Laurásia. Este gênero é conhecido pela capacidade de fazer tocas de estivação, facilitando a preservação dos restos ósseos e placas dentárias. Desta forma, através deste trabalho foi possível apresentar a diversidade permiana de dipnoicos, bem como expor dados sobre a distribuição geográfica do grupo para o período. Assim posto, é notório a redução de táxons e registros entre as épocas do Permiano e a pequena quantidade de localidades e espécies entre o Gondwana e a Laurásia. [1CNPq - 312018/2021-5]



AVANÇOS NO ESTUDO TAXONÔMICO DE MATERIAIS DE *Mawsonia* (SARCOPTERYGII) DA FORMAÇÃO ALIANÇA (BACIA DE JATOBÁ)

M.H.C.T. SILVA¹, M.A.G. FRANÇA²

¹Universidade Federal do Vale do São Francisco, Colegiado de Ciências Biológicas, Petrolina, PE, Brasil.

²Laboratório de Paleontologia e Evolução de Petrolina, CEMAFAUNA Caatinga, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, Brasil.

mateus.hct56@gmail.com, marco.franca@univasf.edu.br

Mawsonia é um gênero de peixes fósseis que viveu desde o final do Jurássico até o final do Cretáceo em ambientes de água doce e salgada, distribuindo-se principalmente pelo Nordeste brasileiro e Minas Gerais. Materiais correlatos a *Mawsonia* também são encontrados na África e remontam a um período no qual este continente ainda não havia se separado completamente da América do Sul. Adicionalmente, há um registro pontual deste táxon para a América do Norte. O gênero possui atualmente sete espécies formalmente descritas: *M. gigas*, *M. tegamensis*, *M. brasiliensis*, *M. lavocati*, *M. minor*, *M. ubangiensis* e *M. soba*. *Mawsonia* é recuperado como táxon irmão de *Axelrodichthys*, um gênero também essencialmente Gondwânico, no entanto, com ocorrências também na Europa. O presente trabalho dispõe-se a registrar fragmentos ósseos desarticulados de *Mawsonia* coletados pela equipe do Laboratório de Paleontologia e Evolução de Petrolina (LAPEP), no CemaFauna/UNIVASF. Foram recuperados, entre outros exemplares, três coronóides principais (LAPEP-173, 342 e 659A), quatro angulares (LAPEP-466C, 486, 661 e 665) e fragmentos dos ceratobranquiais (LAPEP-660 A e B). Os coronóides principais compartilham a ornamentação por pequenos dentículos na sua face lingual, a forma de sela é característica para o *Mawsonia* e *Axelrodichthys*. Os angulares, mesmo os mais fragmentados, possuem a ornamentação constituída por estrias rugosas longitudinais na sua face lateral, a região mais elevada desse osso localiza-se na metade do seu comprimento, e alguns exemplares preservam forames no canal sensorio mandibular correspondente aos poros sensoriais, características observadas em *M. gigas* do Brasil e da Formação Tucuaembó (Uruguai). Os fragmentos do ceratobranquial parecem representar uma mesma estrutura, interpretada como o primeiro arco branquial devido a um profundo sulco onde passava a artéria branquial aferente, mas também por sua robustez e forma arqueada, característicos para *M. gigas*, similar aos da Formação Aliança e também da Formação Tucuaembó. Os resultados sugerem que os materiais aqui analisados possuem grande potencial de representar fragmentos de *M. gigas*, auxiliando na compreensão de sua morfologia e anatomia, além de compreender mais sobre a distribuição temporal e geográfica dessa espécie, podendo contribuir com estudos futuros referentes à seção sedimentar Jurássica da Bacia de Jatobá e sua fauna pretérita. [CNPq (projeto CNPq 442712/2020-0; bolsa CNPq processo 100823/2024-6 e FACEPE APQ-0388-2.04/21)]



FOSSIL FISH PROVIDE EVIDENCE OF EUMELANIN FOSSILIZATION

G. PRADO^{1,2}, B.B. KERBER^{1,3}, E.P. SILVA², F.L. PINHEIRO⁴, G.L. OSÉS⁵, D. GALANTE¹, F. RODRIGUES², J.J. DIAS⁶, E.T. SAITTA⁷, I.S. CARVALHO^{6,8}

¹Institute of Geosciences, University of São Paulo, São Paulo, SP, Brazil. ²Laboratory of Chemosphere, Institute of Chemistry, University of São Paulo, São Paulo, SP, Brazil. ³Brazilian Synchrotron Light Laboratory, Centre for Research in Energy and Materials, Campinas, SP, Brazil. ⁴Laboratory of Palaeobiology, University of Pampa, São Gabriel, RS, Brazil. ⁵Laboratory of Archaeometry and Applied Sciences to Cultural Heritage, Institute of Physics, University of São Paulo, São Paulo, SP, Brazil. ⁶Geology Department, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brazil. ⁷Department of Organismal Biology & Anatomy, University of Chicago, Chicago, Illinois, USA. ⁸Centre of Geosciences, Coimbra University, Portugal.

gustavo.marcondes.prado@usp.br, beckerkerber@gmail.com, evandro.pereira.silva@usp.br, felipepinheiro@unipampa.edu.br, gabriel.oses@alumni.usp.br, galante@usp.br, farod@iq.usp.br, jaimejoaquimdias@gmail.com, evansaitta@gmail.com, ismar@geologia.ufrj.br

In extant fishes, colouration is an important adaptation that is produced by natural pigments called biochromes. Among the plethora of types, the eumelanin is ubiquitous, being present in all fish lineages. Chemically, it consists of moieties of 5,6-dihydroxyindole (DHI) and 5,6-dihydroxyindole-2-carboxylic acid (DHICA) bonded with varied functional groups and organometallic elements. Eumelanin is produced by eumelanosomes, which are found inside pigment cells distributed throughout the body. As expected, this biochrome is involved in many different roles, such as free radical scavenging, microbial inhibition, tissue strength, and colouration. In fishes, this pigment also plays a protective role against tissue damage by UV radiation and waterborne agents (e.g., contaminants). The detection of melanosomes in the eyes of teleost fishes provides a unique view of their biology and ecology, impacting vision accuracy and conspicuous camouflage. Similarly, in fossil fishes, they provide information about the palaeobiology and palaeoecology of extinct lineages. Here, we report the microscopic and chemical examination of a fossilized eye from the Cretaceous fish *Dastilbe crandalli*. Results show that the eye has a circular shape with non-recalcitrant dark brown tissues observed only at its rims. These exhibit densely packed, solid, subspherical granules with ca. 0.632 to 0.489 μm in size. Chemically, they are rich in C, Ca, and O, with vibrational spectra indicating the vibration modes of carbonyls, as well as C-C, C-H, C-O, and O-H. Thus, we suggest that eye microbodies are composed of eumelanin, although with altered molecular structure. This fossil melanin (i.e., geomelanin) is most likely chelated to exogenous metals (especially Ca). Geothermometer calculation indicates that chemical alteration did not exceed 110°C, temperature consistent with the proposals in the literature for the maximum temperature for the Crato Formation. Consequently, this result raises the possibility of the use of Raman spectral processing to estimate the thermal alteration of the geomelanin. Besides that, this result also indicates that *Dastilbe* fish possibly had a limited visual capability or lived in the shallow but shadowed (by aquatic plants) portions of the palaeolake [CNPq, CAPES, FAPESP, FAPERJ].



BIOMECÂNICA DA LOCOMOÇÃO TERRESTRE EM ANHANGUERIDAE E TAPEJARIDAE (PTEROSAURIA, ARCHOSAURIA)

B. HORMANSEDER¹, Y.L.R. LEITE¹, F.R. COSTA²

¹Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Biologia Animal), Vitória, ES. ²Universidade Federal do ABC, Laboratório de Paleontologia de Vertebrados e Comportamento Animal (LAPC), São Bernardo do Campo, SP.
b.marinho.h@gmail.com, yuri_leite@yahoo.com, fabiana.costa@ufabc.edu.br

Até o final do século XX, estudos biomecânicos aplicados à locomoção terrestre em pterossauros baseavam-se apenas em análises osteológicas, especificamente na possibilidade de mobilidade das articulações “osso-a-osso”. Com novas tecnologias e técnicas de digitalização aplicadas à paleontologia a partir do século XXI, tem sido possível reconstruir modelos osteomiológicos de fósseis e simular, por exemplo, como as articulações desses organismos extintos se orientavam, bem como a possibilidade de avaliação do grau de mobilidade de seus membros durante simulações de locomoção. Porém, pterossauros, por não possuírem descendentes vivos, seu registro fóssil ser fragmentado e pela fragilidade de constituição dos seus ossos, são ainda pouco estudados quando comparados a grupos proximalmente relacionados, como o das aves e crocodilianos. Portanto, a condição de seu material impõe restrições ao conhecimento relativo a sua postura, locomoção terrestre e hábitos em vida. A partir da retrodeformação de fósseis digitalizados da pelve, fêmur e tíbia de *Anhanguera piscator* (Anhangueridae) e *Tupandactylus navigans* (Tapejaridae), buscou-se aqui avaliar a postura assumida em terra de ambas as espécies a partir da elaboração de um modelo articulado para a cintura pélvica e seus membros posteriores por espécie. Para reconstruir tecido mole, como cartilagens e músculos, foi utilizado o método *Extant Phylogenetic Bracket* (EPB) que relaciona estes traços teciduais em espécies viventes de grupos filogeneticamente mais próximos (aves e crocodilianos) àqueles observados nos espécimes fósseis. Os grupos musculares dorsais e ventrais foram reconstruídos em uma pose de referência: Pelve - Fêmur: Abdução-Adução (ABAD): +20° e rotação no eixo (LAR) +10° (demais eixos e articulações em 0°). Obteve-se como resultado as seguintes amplitudes de movimento (ROM) das articulações: *A. piscator*: Acetábulo: ABAD: 180°, FE (flexão-extensão): 160°, LAR: 150° e Joelho: FE: 120°. *T. navigans*: Acetábulo: ABAD: 160°, FE: 200°, LAR: 170° e Joelho: FE: 135°. Com base nas ROMs obtidas, espera-se, para a última etapa deste trabalho, o cálculo do braço de momento muscular (MMA) a fim de inferir as posturas ótimas dos espécimes analisados. Isto possibilitará testar a hipótese de que *T. navigans* possuía postura mais ereta que *A. piscator*, sugerido pelos seus membros posteriores proporcionalmente maiores em relação às asas. [CAPES – 88887.512762/2020-00; CNPq - 404352/2023-5; FAPESP - 2022/03099-7]



RECONSTITUIÇÃO DA TEIA TRÓFICA DA COMUNIDADE DE PALEOVERTEBRADOS DA SUBUNIDADE AÇU IV (ALBIANO-CENOMANIANO), BACIA POTIGUAR

M.P.S. ROCHA^{1,2}, T. AURELIANO³, C.L.A. SANTOS¹, A.M. GHILARDI^{1,2}

¹Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

²Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

³Departamento de Biologia Química, Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, CE, Brasil.

matheus.pinhoiro.131@ufrn.edu.br, aureliano.tito@gmail.com, claude.aguilar@ufrn.br,

aline.ghilardi@ufrn.br

A proposição de teias tróficas, por meio de inferências paleoecológicas, fornece uma forma de compreensão da ecologia, biogeografia e evolução das espécies e comunidades fósseis ao longo do tempo. O objetivo do presente estudo foi reconstruir a teia trófica da paleocomunidade de vertebrados da Subunidade Açú IV, Formação Açú, Bacia Potiguar (Albiano-Cenomaniano), Nordeste do Brasil. Foram compilados registros publicados sobre táxons fósseis de vertebrados dessa Subunidade e, com base em revisão bibliográfica, foram realizadas inferências de interações tróficas. Os dados obtidos indicam que a Subunidade apresenta atualmente oito táxons de peixes fósseis (*Pycnodontiformes indet.*, *Lepisosteidae indet.*, *Tribodus*, *Ceratodus*, *Bawitius*, *Mawsonia* e *Asiatoceratodus*); um registro de *Crocodylomorpha* (*Peirosauridae*); e sete táxons de dinossauros, sendo cinco Theropoda (*Abelisauridae*, *Carcharodontosauridae*, *Maniraptora*, *Megaraptora* e *Spinosauridae*) e dois Sauropoda (*Diplodocoidea* e *Titanosauria*). O registro paleofaunístico é um dos mais diversos do Brasil em termos de famílias de dinossauros. A reconstrução da teia trófica revelou que a base alimentar da paleocomunidade era composta por algas e plantas (sem registro fóssil direto), que serviam de alimento para peixes como *Ceratodus*, *Asiatoceratodus* e *Mawsonia*, além dos saurópodes. A presença de peixes durófagos (*Pycnodontiformes indet.*) indica a existência de moluscos (também sem evidência direta), enquanto outros peixes, como *Bawitius*, atuavam como consumidores secundários ou terciários no meio aquático. De modo geral, os peixes serviam de presas para predadores de níveis tróficos superiores, como os crocodylomorfos e terópodes, especialmente *Spinosauridae* e *Megaraptora*. Terópodes também deveriam predar os crocodylomorfos, outros terópodes menores e dinossauros herbívoros; já *Peirosauridae* possivelmente predavam filhotes de dinossauros. Observa-se que vários táxons ocupam nichos similares, sugerindo uma partição de nichos nas guildas de predadores e herbívoros. Além disso, a interação entre os ambientes aquático e terrestre desempenhou um papel significativo na dinâmica ecológica dessa paleocomunidade. A segregação de nichos provavelmente foi promovida por adaptações específicas em termos de fisiologia e características morfológicas das espécies em questão, mas que ainda não são completamente conhecidas. A heterogeneidade do ambiente, característica de zonas de transição, parece ter sido um fator determinante para a alta diversidade observada. Este estudo evidencia a importância de análises ecológicas para a interpretação das paleocomunidades.



DE VOLTA PRO MEU ACONCHEGO: DESCRIÇÃO DE UM NOVO ESPÉCIME DE LAGARTO FÓSSIL REPATRIADO AO CARIRI CEARENSE

E.S. SANTOS^{1,2}, S.C. RIBEIRO³, N.C. OLIVEIRA^{2,4}, A.A.F. SARAIVA²

¹Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Recursos Naturais, Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato, CE, Brasil. ²Laboratório de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri (LPU).

³Laboratório de Biologia e Ecologia de Animais Silvestres (LBEAS), Universidade Federal do Cariri.

⁴Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri, CE, Brasil.

ednalva.santos@urca.br, samuel.ribeiro@ufca.edu.br, naiara.cipriano@urca.br, alamocariri@yahoo.com.br

O registro fóssil de Squamata proveniente da Bacia do Araripe está restrito aos calcários laminados da Formação Crato, que representa um dos mais conhecidos depósitos *Konservat-Lagerstätten* pela preservação excepcional e a abundância do registro fossilífero. Essa notável preservação, combinada a falta de valorização patrimonial por parte da população e das autoridades municipais, são os principais fatores relacionados ao tráfico de fósseis. No Brasil, desde 1942, os fósseis são considerados bens da União, e os sítios paleontológicos são classificados como patrimônio cultural do país. Nas últimas duas décadas, a discussão sobre a proteção dos fósseis brasileiros ganhou destaque internacional, resultando na repatriação de diversos exemplares valiosos. Esta pesquisa tem como objetivo descrever uma nova espécie de lagarto recentemente repatriada ao território de abrangência da Região do Araripe. O espécime faz parte da maior repatriação de fósseis já registrada e compõe a coleção paleontológica de vertebrados do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, na cidade de Santana do Cariri. Para a análise e descrição do material, foram empregadas técnicas avançadas, incluindo Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) e Microtomografia Computadorizada (μ CT). O espécime MPSC 5369 apresenta frontais pareados, com robustez e breve estreitamento na porção medial, formando uma curva sinuosa e contínua; os ramos do pterigóide são alongados e estreitos, divergindo na lateral do eixo medial. A impressão da mandíbula em vista labial exhibe quatro forames mentonianos e as suturas dos ossos mandibulares; o angular e o surangular são compridos e alongados; o coronoide é reduzido e o articular é irregular. O dentário preserva sete dentes pleurodontes unicúspides brevemente espaçados e com pequenas estrias; os alvéolos dentários são profundos e não exibem dentes de substituição. As clavículas são anguladas antero-distalmente; as vértebras são procélicas com arcos neurais altos; as vértebras caudais apresentam processos transversos brevemente robustos, a última, apresenta formato disforme, sugerindo um processo de regeneração caudal pós autotomia. Os membros anteriores e posteriores possuem pouca diferença de tamanho e são curtos em relação ao corpo. Suas falanges apresentam tamanhos semelhantes; às ungueais apresentam base plana e ápice pontiagudo angulado com formato falciforme. Tais características diferenciam o novo espécime de *Tijubina ponteii*, *Olindalacerta brasiliensis* e *Calanguban alamoii*, lacertílios já descritos na localidade e o indica como uma nova espécie, expandindo a diversidade na fauna de Squamata do Cretáceo Inferior da Bacia do Araripe. [CAPES-88887.738154/2022-00; BP5-0197-00172.01.00/22.]



DESCRIÇÃO DE UM CRÂNIO PARCIALMENTE PRESERVADO DE PTEROSSAURO ANHANGUERIDAE DA FORMAÇÃO ROMUALDO, BACIA DO ARARIPE

D.C. SILVA¹, G.R. OLIVEIRA¹

¹Laboratório de Paleontologia e Sistemática, Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

deivson.chaves@ufpe.br, gustavo.roliveira@ufrpe.br

A primeira descrição de uma espécie de pterossauro na Bacia do Araripe foi realizada no início da década de 1970 e, atualmente, mais de 350 espécimes foram encontrados e mais de 30 espécies foram descritas. Apesar do número de espécies, muitos táxons são intimamente relacionados, levando a contestações em relação à validade da taxonomia por diversos autores, o que torna importante a descrição de novos exemplares, uma vez que contribuirão com a elucidação da taxonomia do grupo. Aqui apresenta-se a descrição de um crânio parcialmente preservado de pterossauro Anhangueridae procedente de nódulo calcário da Formação Romualdo. O exemplar MPSC R 1126 foi emprestado pelo Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens ao Laboratório de Paleontologia e Sistemática da UFRPE para estudo. O espécime está preservado tridimensionalmente e é composto pela região da maxila e pré-maxila, tendo 351mm de comprimento total, com o rosto não completamente preservado, o que não deixa claro se possui a extremidade anterior da pré-maxila expandida. Apresenta uma crista sagital pré-maxilar alongada (205mm de comprimento e, apesar de estar levemente fragmentada na borda superior, possui cerca de 80,3mm de altura no ponto mais alto), localizada na região anterior e que não alcança o início da fenestra nasoanterior, tal característica atribui o espécime como Anhangueridae; apresenta 15 alvéolos preservados do lado direito e 6 do lado esquerdo (com diâmetro dos alvéolos variando entre 6,3 mm a 11,6 mm) mas devido à ausência do rosto, indica que sua dentição era maior; um palato fundo em relação aos alvéolos dentais na pré-maxila, que conta com uma pequena e sutil quilha sagital posicionada posteriormente, com cerca de 60 mm e que se estende entre 8° e 10° alvéolo preservado; e a fenestra nasoanterior parcialmente preservada o que impossibilita determinar o volume total, mas que ocupa, na área preservada, parte considerável do crânio com cerca de 133 mm de comprimento e 37 mm de altura no ponto mais alto. Para Anhangueridae, quatro gêneros estão presentes na Formação Romualdo: *Anhanguera*, com maior número de espécies, e os gêneros monoespecíficos *Cearadactylus*, *Tropeognathus* e *Maaradactylus*. Comparações indicam que MPSC R 1126 representa um táxon que compartilha mais características com *Anhanguera*. [CAPES – 88887.969729/2024-00]



EXPLORANDO PADRÕES DE DENTIÇÃO EM *Anhanguera* (PTEROSAURIA, PTERODACTYLOIDEA): O CASO DE MPSC R 1126

D.C. SILVA¹, G.R. OLIVEIRA¹

¹Laboratório de Paleontologia e Sistemática, Departamento de Biologia. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

deivson.chaves@ufpe.br, gustavo.roliveira@ufrpe.br

Os pterossauros, mesmo sendo conhecidos há mais de 200 anos, têm seu estudo limitado devido à natureza fragmentada dos exemplares e a fragilidade do esqueleto que dificulta a preservação e a obtenção de mais informações morfológicas. Para o gênero *Anhanguera*, as características diagnósticas são discretas, o que dificulta a atribuição de novos materiais a qualquer um dos táxons existentes. Isso se dá, principalmente ao entendimento relativamente baixo da variação intraespecífica do grupo, como quais características podem variar de acordo com as diferenças de sexo e ontogenia. O presente trabalho analisa um padrão na dentição de pterossauros do gênero *Anhanguera* para fins de comparação com MPSC R 1126, um novo exemplar Anhangueridae que carece de características diagnósticas. Primeiramente comparou-se o diâmetro dos alvéolos superiores entre os espécimes do gênero *Anhanguera*. Esses dados, obtidos da descrição de cada exemplar, mostraram um padrão na dentição da porção anterior do crânio, que inclusive corrobora com uma das sinapomorfias do gênero, de que o 5º e 6º alvéolos dentários superiores são menores que os 4º e 7º. Em seguida, analisou-se o tamanho do diastema da porção superior dos mesmos exemplares. Esses dados demonstraram uma baixa variação no tamanho do diastema na porção anterior, mas à medida em que vão em direção aos diastemas intermediários, há um aumento em relação aos anteriores e, em seguida, volta a um padrão de baixa variação nos diastemas posteriores. A partir desses resultados, foi possível inferir que o primeiro alvéolo superior preservado em MPSC R 1126 corresponde, muito provavelmente, ao 4º alvéolo, partindo da região mais anterior. Em relação ao tamanho do diastema, considerando que MPSC R 1126 tenha o diastema preservado inicial como correspondente ao 4-5, observa-se uma configuração que se encaixa no padrão em *Anhanguera*, tendo uma similaridade com os demais exemplares comparados. Apesar de serem características que podem variar entre os espécimes, elas servem, porém, para estimar um padrão na dentição em *Anhanguera*, onde MPSC R 1126 demonstrou ter mais afinidades, permitindo mensurar, a partir das comparações, as características ausentes no material referido. [CAPES – 88887.969729/2024-00]



FIRST DOCUMENTED FOSSIL FEATHER FROM CODÓ FORMATION (APTIAN), PARNAÍBA BASIN, MARANHÃO STATE, BRAZIL

N.M. STOPPA^{1,2}, W.B.S. ALMEIDA^{1,2}, V.P.G. COSTA^{1,2}, C.L.A. SANTOS², A.M. GHILARDI^{2,3}

¹Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Lagoa Nova, 59078-970, Natal - RN, Brasil. ²Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo, Av. Hermes da Fonseca 1398, 59020-650, Natal - RN, Brasil. ³Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Lagoa Nova, 59078-970, Natal - RN, Brasil.

nmstoppa@gmail.com, almeida.wbs@gmail.com, vitorporpinogc@gmail.com, claude.aguilar@ufrn.br, aline.ghilardi@ufrn.br

Feathers are integumentary structures composed of keratin, present in birds and other theropod dinosaurs, with variable morphology and function. The Codó Formation (Aptian), from the Parnaíba Basin, Maranhão, is characterized by highly fossiliferous strata, composed of shales and carbonates intercalated with fine sandstones. In the present work, we analyze a sample of laminated limestone containing a fossil fish and a putative feather, from Uchoa-MA, currently housed at the paleontological collection of the Câmara Cascudo Museum/UFRN, Natal-RN. We analyzed the specimen with stereomicroscopes and compared it with other fossil feathers from carbonate deposits worldwide. Photographs were taken with a Nikon DS-Ri1 coupled with a Nikon SMZ1500 Stereomicroscope zoomed in 0.75x, 2.0x and 5.0x and with an iPhone 13 Pro with Macro Lens. Photographs were edited with Adobe® Lightroom app to enhance some features for better analysis of the material. Only the general contours of the feather are preserved, exhibiting a reddish or orange hue and its total preserved length is 32.40 mm. Several branches (barbs) appear to originate from the feather's base, however, since the specimen is partially covered by the fossil fish (identified as a Chanidae indet., measuring 39.45 mm in length), the total length of each barb could not be measured. At the proximal part of the feather, some barbs seem to show preserved barbules but the texture of the sediment apparently was not ideal to preserve them. The studied feather has a similar morphology to the stage II feather, as in *Sinornithosaurus*. Alternatively, it may correspond to stage IIIb if the structures observed at the base of the specimen are identified as barbules. Based on the literature, these both morphologies represent a down feather, which functions as thermal insulation and heat shielding in avian and non-avian Coelurosauria. Identifying the first feather from the Codó Formation expands the available knowledge about this geological unit, its paleofauna and paleoenvironment, resulting in an extended data about the biodiversity of the region.



DESVENDANDO O MISTÉRIO DA CAVERNA POÇO AZUL (CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL)

L. ALVES-SILVA¹, R.A. LEONI¹, F.H.S. BARBOSA^{1,2}, H.I. ARAÚJO-JÚNIOR¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ²Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.

allveslais@gmail.com, ronaldoleoni@gmail.com, fhsbarbosa@gmail.com, herminio.ismael@yahoo.com.br

A Chapada Diamantina abriga diversas cavernas com alto potencial paleontológico. Entre elas, o Poço Azul se destaca - além da sua beleza cênica - por sua alta riqueza e diversidade fossilífera. Neste trabalho, realizamos uma análise tafonômica em 1.364 espécimes provenientes da caverna Poço Azul (12°46'49.71"S; 41°09'02.72"O), Nova Redenção, Bahia. O material está depositado no Laboratório de Paleontologia do Museu de Ciências Naturais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (MCL/PUC-MG), em Belo Horizonte/MG. Os fósseis foram analisados macroscopicamente para a identificação taxonômica e avaliação dos seguintes aspectos tafonômicos: integridade física, desarticulação, intemperismo, transportabilidade, abrasão, incrustação, corrosão e coloração. Os fósseis analisados foram atribuídos a 15 táxons de mamíferos, entre os quais os mais abundantes são *Catonyx cuvieri* (NISP=288), *Valgipes bucklandi* (NISP=265), *Nothrotherium maquinense* (NISP=218) e *Eremotherium laurillardi* (NISP=211). Quanto a integridade física, 63,20% dos elementos estão completos. Quase todos os ossos foram encontrados desarticulados, com exceção de um indivíduo de *E. laurillardi*. Considerando o intemperismo, os elementos foram predominantemente classificados como estágio 0 (87,88%), enquanto os demais foram classificados como estágios 1 e 2 (11,82% e 0,30%, respectivamente), sugerindo ausência de exposição subaérea prolongada para a maioria dos elementos. Diversos valores do *Fluvial Transport Index* e todos os Grupos de Voorhies estão presentes na acumulação. Não foram observados sinais de abrasão ou incrustação. A ausência de abrasão sugere que houve pouco ou nenhum transporte do material. Quanto à coloração, tons amarronzados (Carta de Munsell: 7,5YR 6/8; 2,5YR 5/12; 7,5YR 4/8) predominam na amostra (78,67%), seguidos por um tom escuro (5YR 2/4; com 14,96%). Os tons amarronzados são associados à presença de óxidos de ferro no solo/água, enquanto o tom mais escuro indica impregnação por óxido de manganês. A predominância dessas cores na amostra sugere que os fósseis foram submetidos a condições oxidantes. Mais de 95% dos fósseis apresentaram sinais de corrosão, indicando que os fósseis foram submetidos à ação de águas ácidas. A acumulação foi classificada como multitáxica, multidominante e de alta diversidade. Ao considerar os padrões tafonômicos gerais, sugerimos um modelo de acumulação predominantemente do tipo *in situ*, com uma resolução espacial local e presença de mistura temporal. [CAPES; CNPQ; FAPERJ; UERJ]



MISTÉRIOS DO PLEISTOCENO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DIMORFISMO SEXUAL EM PÓS-CRÂNIO DE *Notiomastodon platensis* (MAMMALIA, PROBOSCIDEA)

M.L.V. ARAÚJO¹, D. MOTHÉ^{1,2}, F.A.C. MONTEIRO³

¹Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Biodiversidade Neotropical), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 458, sala 502, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

²Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências - Grupo de Estudos em Megafauna, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 458, sala 501, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Jaguaribe. vianalu71@gmail.com, dimila.mothe@gmail.com, felipe.monteiro@ifce.edu.br

A única espécie de proboscídeo endêmica da América do Sul é *Notiomastodon platensis* (Ameghino, 1888), amplamente representada no registro fossilífero do Quaternário. Em diversas linhagens de proboscídeos, como mastodontes verdadeiros (família Mammutidae), mamutes e elefantes africanos e asiáticos atuais (família Elephantidae), a literatura reconhece o dimorfismo sexual, especialmente em elementos ósseos de pós-crânio. Tal aspecto é significativo para a compreensão de dinâmicas populacionais, nuances de paleodieta e interações com outras espécies no passado. Entretanto, a ocorrência de dimorfismo sexual é desconhecida para restos fósseis de proboscídeos da família Gomphotheriidae, incluindo *N. platensis*. Neste estudo, avaliaram-se variações morfológicas e anatômicas de fêmures (n=21) e úmeros (n=7) completos e bem preservados de indivíduos adultos de *Notiomastodon platensis* (sendo todos com epífises fusionadas), provenientes de várias localidades da América do Sul, abrangendo sua ampla ocorrência geográfica/temporal. Os espécimes foram fotografados em vista frontal/caudal com câmera digital *Nikon D3200*, com escala de referência em cm. As medições foram realizadas digitalmente com o *software* gratuito *ImageJ*, adaptando-se às propostas de medidas da literatura. Assim, foram mensuradas: altura total do fêmur, maior largura da diáfise do fêmur, altura total do úmero e menor largura da diáfise do úmero. Foram gerados gráficos de dispersão para cada tipo de osso longo, onde se observa o índice de robustez dos indivíduos analisados. Como resultado, para ambos os ossos foi identificada a presença de três grupos na amostragem, sendo um menor e menos robusto, um de tamanho intermediário e outro de maior tamanho e robustez, representando indivíduos adultos jovens com gênero indeterminado, fêmeas e machos, respectivamente. Sabe-se que são adultos jovens pela associação de serem menores e devido os proboscídeos possuírem crescimento contínuo. Este padrão é o mesmo observado em outros proboscídeos do Quaternário, no qual machos são maiores e mais robustos que fêmeas da mesma faixa etária por apresentarem crescimento contínuo por toda vida, mesmo depois da maturidade sexual (quando as fêmeas cessam o crescimento). Novos elementos serão incluídos nesse projeto em etapas futuras e não se descartou a hipótese de que os indivíduos menores possam representar adultos com deficiências nutricionais e/ou paleopatologias. [CAPES 88887.955151/2024-00, FAPERJ E-26/200.622/2022, UNIRIO]



REVISÃO DOS LIMITES DA REGIÃO INTERTROPICAL BRASILEIRA A PARTIR DO ÍNDICE DE SIMILARIDADE DE DICE

M.C.V. BATISTA¹, K.O. PORPINO¹

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, RN, Brasil.
mariaclaravb99@gmail.com, kleberporpino@uern.br

A Região Intertropical Brasileira (RIB) é uma província paleozoogeográfica reconhecida para o Quaternário brasileiro que abrange estados do nordeste (RN, PB, CE, PE, PI, AL, SE e BA), sudeste (ES, RJ e MG) e centro-oeste (GO), definida pela presença de uma megafauna de mamíferos característica (incluindo táxons endêmicos) que difere de faunas similares e coetâneas de outras regiões do país e de países vizinhos como Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Um trabalho recente sugeriu a ampliação da área de abrangência desta região, com a adição dos estados de São Paulo (SP) e Mato Grosso do Sul (MS), a partir da comparação da fauna local com a fauna de estados externos à definição original e de regiões mais austrais da América do Sul, utilizando um método de análise multivariada a partir de agrupamentos. Neste trabalho aprofundamos essas análises através de uma base de dados atualizada sobre a ocorrência da megafauna em depósitos da RIB e realização de novas análises de cluster para reavaliar essa proposta, bem como para responder novas questões, como a existência de sub-regiões dentro da área, as quais possuam faunas suficientemente distintas. O agrupamento geral formado a partir do Índice de Similaridade de Dice, contendo os estados brasileiros considerados participantes da RIB, apresentou a seguinte configuração: ((SP + GO) + (MS ((MG + BA) + (PE ((CE + PI) + (RN + SE)) + (PB + AL)))))). SP e MS possuem afinidade taxonômica com os demais estados da RIB, reforçando sua adição à região, tal como proposta em trabalhos prévios. Além disso, os resultados indicaram presença de duas sub-regiões dentro das principais: a primeira formada pelos estados de: SP e GO; e a segunda, MS, MG, BA, PE, CE, PI, RN, SE, PB e AL. O teste de permutação ANOSIM mostrou diferenças faunísticas significativas entre essas duas sub-regiões principais (0,0166; $p < 0,05$), sugerindo que a província apresenta dois subgrupos com fauna distintas. Um ponto a ser destacado é que, embora SP seja adjacente a outros estados contidos no grupo maior, ele foi agrupado no subconjunto menor, enquanto MS, que não tem contiguidade geográfica com os demais estados do grupo maior, foi incluído nele. Essa discrepância pode estar associada a fatores como vieses tafonômicos, diferenças geocronológicas entre os depósitos analisados ou até mesmo limitações inerentes aos métodos exploratórios empregados no estudo. [CNPq 04410102.000422/2023-15]



QUELÔNIOS E JACARÉS DO DEPÓSITO QUATERNÁRIO DO LAJEDO DE SOLEDADE, APODI, RIO GRANDE DO NORTE

J.P. COSTA¹, L.C. NASCIMENTO², W.B.S. ALMEIDA³, M.A.T. DANTAS², K.O. PORPINO⁴, H.I. ARAÚJO-JÚNIOR¹

¹Programa de Pós-graduação em Geociências, Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ²Laboratório de Ecologia e Geociências, Instituto Multidisciplinar em Saúde, Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil. ³Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo, Av. Hermes da Fonseca 1398, 59020-650, Natal, RN, Brasil, ⁴Departamento de Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências Exatas e Naturais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil.

costa.jp@outlook.com.br, levi.caires@hotmail.com, almeida.wbs@gmail.com, matdantas@yahoo.com.br, kleberporpino@uern.br, herminio.ismael@yahoo.com.br

O Lajedo de Soledade é uma vasta plataforma carbonática entrecortada por um conjunto de ravinas, cuja formação se deu pela carstificação atuando em fraturas ali existentes. A relevância dessa área transcende a geomorfologia, uma vez que suas ravinas revelam uma rica coleção de gravuras e pinturas rupestres, ressaltando sua importância arqueológica. Adicionalmente, os sedimentos que preenchem algumas de suas ravinas são ricos em restos de vertebrados do Quaternário. Entre estes últimos, destaca-se a grande diversidade de mamíferos fósseis, que englobam desde micro a mega mamíferos. Além dos mamíferos, há também o registro de restos de aves e “répteis”, que ainda necessitam de uma identificação mais precisa. Atualmente, esses materiais osteológicos da herpetofauna preservados nos sedimentos quaternários estão em processo de identificação taxonômica. Os resultados preliminares são apresentados neste trabalho. Até o momento, foram identificados pelo menos quatro grupos taxonômicos: os quelônios *Kinosternon scorpioides*, *Mesoclemmys* sp. e *Chelonoidis* sp., representados por fragmentos de carapaça; e jacarés da subfamília Caimaninae, representada por fragmentos de dentário, uma vértebra e diversos fragmentos de osteodermos. A presença de táxons semiaquáticos pode indicar que, no passado, algum afluente do Rio Apodi, que atualmente corre pela região, inundava o Lajedo de Soledade durante períodos de inundação. Alguns desses animais provavelmente utilizaram as ravinas como abrigo nesse período; porém, com a chegada da estiagem, ficavam presos no interior das ravinas e ali pereciam por falta de água. Além disso, este estudo reforça que o Lajedo de Soledade é um notável depósito quaternário, se destacando pela excepcional diversidade de vertebrados, característica incomum na maioria dos depósitos quaternários regionais.



NOVA DESCOBERTA DE FÓSSEIS DA MEGAFUNA PLEISTOCÊNICA EM MORADA NOVA, CEARÁ

V.E.B. MELO¹, B.P.N. SILVA JUNIOR¹, J.V.B. MELO², M.A.T. DANTAS³, F.A.C. MONTEIRO¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Estado do Ceará, IFCE - Campus Jaguaribe; Rua Pedro Bezerra de Menezes Manoel Costa 63475000 - Jaguaribe, CE, Brasil. ²Laboratório de Ecologia & Geociências, Rua Hormindo Barros, 58, Candeias, Universidade Federal da Bahia (IMS/CAT), Vitória da Conquista, BA, Brasil. ³Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Mato-FAFIDAM.

vivianeloisa2@gmail.com, nobregajunior80@gmail.com, john.melo@aluno.uece.br, matdantas@yahoo.com.br, felipemonteiroifce@gmail.com

RESUMO REMOVIDO

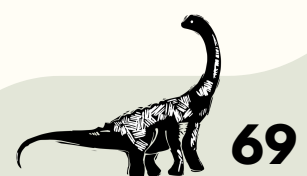


IDENTIFICAÇÃO TAXONÔMICA DE FÓSSEIS PLEISTOCÊNICOS DE AFRÂNIO-PE

J.V.A.M. PEREIRA¹, M.A.G. FRANÇA¹

¹Laboratório de Paleontologia e Evolução de Petrolina, CEMAFUNA Caatinga, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina-PE, Brasil, Colegiado de Ciências Biológicas, Petrolina, PE, Brasil.
jorge.vinicius@discente.univasf.edu.br, marco.franca@univasf.edu.br

A região Nordeste possui um abundante e plural acervo de fósseis referentes à megafauna, sendo registrados na literatura desde o início do século XX, por diversos pesquisadores. Tais materiais são encontrados em cavernas, ravinas, lagos e principalmente em tanques. Os fósseis aqui estudados foram coletados no município de Afrânio-PE, na Lagoa Caveira e estão atualmente depositados no Laboratório de Paleontologia e Evolução de Petrolina (LAPEP), situado na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), no Campus de Ciências Agrárias (CCA). A pesquisa realizada tem como principal foco realizar a identificação taxonômica dos espécimes que foram recuperados, para que haja uma melhor compreensão da diversidade e complexidade da antiga fauna da região. Para tal objetivo, comparações com materiais já disponíveis em trabalhos anteriores foram realizadas, visando encontrar semelhanças entre o material e informações diagnósticas dos táxons. O estudo possibilitou a identificação da presença de *Panochthus* sp. e *Glyphotherium* sp. por meio de osteodermos. Um conjunto de três vértebras lombares associadas foram atribuídas à preguiça-gigante *Eremotherium laurillardi*. Ademais, alguns espécimes foram identificados em nível anatômico, como duas falanges, uma patela, um astrágalo, duas vértebras e fragmentos de ossos longos, necessitando de melhores estudos para a identificação taxonômica mais precisa. O registro dos três táxons identificados reiteram os dados disponíveis na literatura, obtidos em trabalhos anteriores, para o município Afraniense, havendo apenas alteração na designação taxonômica de *Glyptodon* sp. para *Glyphotherium* sp., de acordo com a literatura mais recente. [PIBIC UNIVASF - Processo Projeto CNPq 442712/2020-0; FACEPE APQ-0388-2.04/21]



TAXONOMIC AND ONTOGENETIC ANALYSIS OF JUVENILE *Notiomastodon platensis* FOSSIL FRAGMENTS FROM MONTE SANTO, BAHIA, BRAZIL

G.A.S. NEVES^{1,2}, H.I. ARAÚJO-JÚNIOR¹, M.A.T. DANTAS²

¹Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brazil. ²Laboratório de Ecologia & Geociências, Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brazil.

ginevesmusic@gmail.com, herminio.ismael@yahoo.com.br, matdantas@yahoo.com.br

Taxonomy and ontogeny of mastodons provide a deep understanding of the diversity and evolution of these proboscideans that dominated the Quaternary fauna in Brazil, particularly in the Brazilian Intertropical Region. This work addresses the taxonomic and ontogenetic identification of cranial and post-cranial fragments of a proboscidean recovered in the tank deposit Tanque Velho, Rio Pequeno, Monte Santo municipality, Bahia State. The material consists of mandibular and femur fragments assigned to the species *Notiomastodon platensis* (Ameghino, 1888). The mandibular fragment is preserved in the symphyseal region and includes the alveoli of the first molar. In the mental symphysis (external part), we observe the fusion line of the two halves of the mandibular bone. On the internal surface, the mental protuberance (the bony condensation in the mandible extending from the region of the incisor to the symphysis) presents a triangular elevation. Observing one of the alveoli, which is smaller, we suggest it corresponds to a first molar. Concerning the femur, we observed that the proximal epiphysis is absent, leaving only the diaphysis, while the distal one is also fractured. The absence of the epiphysis suggests it had not entirely fused with the diaphysis at the time of the animal's death. The determination of the ontogenetic stage of the specimen followed the classification based on the degree of epiphyseal-diaphyseal fusion in humeri and femora: juvenile (clear separation), subadult (visible scar), and adult (complete fusion). Based on the degree of fusion of the femur and the condition of the mandible, the materials are likely from one or more juvenile individuals. The fact that these samples were found together suggests they might belong to the same animal. However, we are also aware that they could come from two different specimens, both around five years old. Using regression models for body mass estimation from the femur, this animal could have weighed around 1,627 kg (considered a megaherbivore). Finally, the presence of young individuals may indicate that they were fossilized near the location where they died, as very young or very old animals are less resistant and can be more vulnerable to transport and decomposition. [E-26/201.897/2024; PQ/CNPq 304394/2023-8]



MATERIAL PALEOZOICO BRASILEIRO NO MUSEU CÂMARA CASCUDO: IDENTIFICAÇÃO, CURADORIA E RELEVÂNCIA

W.J. ANDRADE¹, J.H.B. XAVIER^{1,2}, P.A.C. TOLIPAN^{1,2}, C.L.A. SANTOS¹

¹Setor de Paleontologia, Museu Câmara Cascudo (MCC-UFRN), Natal, RN, Brasil. ²Laboratório de Paleoinvertebrados LAPIN, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

warleybiolove@gmail.com, ptolipan@gmail.com, xavierjbueno@gmail.com, claudesantos021@gmail.com

O Setor de Paleontologia do Museu Câmara Cascudo - UFRN (MCC) reúne amostras fósseis procedentes prioritariamente do RN, mas também de outras bacias nacionais. Este estudo teve como objetivo recuperar dados e atualizar informações da nomenclatura e procedência destes exemplares existentes no setor há pelo menos 40 anos. São provenientes das Bacias do Paraná e do Parnaíba do período Devoniano, cujos registros antigos, estavam danificados pelo acondicionamento provisório e inadequado. O material foi identificado macroscopicamente e a partir da consulta à bibliografia especializada. Foram analisadas 115 amostras, 53 pertencentes à Bacia do Parnaíba e 62 à do Paraná. Na primeira há 31 amostras com indicação de coleta no Membro Itaim ao leste de Picos em 1964 que hoje corresponde a Formação Itaim. As outras 22 amostras têm informação ambígua com duas indicações: a 3 km ao leste de Picos em 1962 e no Morro Quebra-Pescoço em 1967, referente à Formação Pimenteiras. Da segunda bacia tem 41 exemplares sem informação geográfica e 21 indicados como oriundos do corte da estrada de ferro Jaguariaíva, que possivelmente se trata do Ramal Jaguariaíva-Arapoti, um afloramento clássico da formação. Em linhas gerais, nas amostras da Bacia do Paraná existe maior diversidade de grupos taxonômicos, como trilobitas, tentaculites, icnofósseis e braquiópodes. Enquanto na da Bacia do Parnaíba há predomínio de bivalvíos. Sobre a preservação do material, algumas amostras são moldes internos com toda a forma da concha preservada, como no caso dos bivalvíos. Já outras, a exemplo destes últimos e dos braquiópodes, possuem apenas uma válvula observável ou apenas parte dela e com poucas estruturas. Este material analisado incorporado ao acervo do Setor de Paleontologia do MCC tem grande importância como referencial de outras bacias brasileiras. A adequada manutenção dessas amostras no acervo possibilita o acesso a este conteúdo fóssilífero que pode não estar mais acessível em seus afloramentos históricos, considerando a crescente urbanização sobre esses locais, a exemplo do município de Picos. Isto ressalta a importância da recuperação, atualização e curadoria desta coleção, agregando valor científico a este patrimônio fóssilífero para futuras pesquisas. [PROEX-PJ266-2024]



COLEÇÃO VIRTUAL DOS HOLÓTIPOS DO ACERVO PALEONTOLÓGICO DA UFC

R.L. SILVA¹, J. E. B. SILVA¹, M. MENDES¹, C.R. DUARTE¹

¹Departamento de Geologia, Universidade Federal do Ceará, Campus do Pici – Bloco 912 CEP 60440-554. rodrigossilva@alu.ufc.br, jordanelias.edu@gmail.com, paleonto@ufc.br, cynthia.duarte@ufc.br

Fósseis são objetos de extremo valor científico que causam em todos os públicos grande curiosidade e admiração. Em razão da sua fragilidade seja no desgaste se exposto ao tempo, no manuseio devido ao atrito da pele e em seu alto valor científico, não existe uma divulgação dessas peças já estudadas, ao público geral ou acadêmico, que não seja em museus ou acervos privados. Com a iniciativa de tentar suprir essa deficiência na divulgação, foi desenvolvido um ambiente virtual e interativo para serem hospedados modelos digitais de holótipos pertencentes ao acervo do Laboratório de Paleontologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), com o uso da técnica de fotogrametria para geração desses modelos. Esta técnica consiste em extrair informações 3D de uma sequência de fotografias não ordenadas. Para isso, foi utilizado câmera DSLR (digital single lens reflex) e *smartphone Redmi Note 13*, buscando-se gerar a melhor qualidade para os modelos tridimensionais. Com o auxílio de soluções de código aberto, como *OpenDroneMap* (ODM) para o processamento das fotografias, os renderizadores *Potree* e *Online 3D Viewer* para visualização, e a hospedagem e apresentação digital através do *GitHub Pages*, foi possível construir uma presença digital do laboratório. A interação dessas tecnologias gratuitas viabilizou o processamento, a visualização e a interação com alguns modelos como: *Araripeblatta oliverai* e *Mastotermis brasilienses* do acervo de holótipos da UFC de forma acessível. Portanto, essa iniciativa não apenas promove a conservação do patrimônio científico, como também amplia as formas e as possibilidades de divulgação científica ao tornar acessível a um público mais amplo, podendo partir também para impressões 3D. A digitalização e disponibilização dos holótipos com suas informações para o entendimento daquele organismo e seu ambiente democratiza o acesso ao conhecimento, assegurando que esses elementos de valor inestimável sejam preservados e amplamente compartilhados.



A COLEÇÃO DE FÓSSEIS DO LABORATÓRIO DE BIOLOGIA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ (IFCE) CAMPUS JAGUARIBE

M.S. OLIVEIRA¹, F.A.C. MONTEIRO¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Estado do Ceará, IFCE - Campus Jaguaribe; Rua Pedro Bezerra de Menezes s/n, Bairro Manoel Costa Moraes, 63475000, Jaguaribe, CE, Brasil. matheus.silva.oliveira06@aluno.ifce.edu.br, felipe.monteiro@ifce.edu.br

Coleções paleontológicas são caracterizadas pela junção e catalogação de exemplares fósseis, sendo eles de períodos e formações distintas, o material em questão é utilizado para fins didáticos e científicos. O Brasil é um país rico em ocorrências fossilíferas, logo é esperado que haja mais coleções de referência sobre esse material, visando salvaguardar estes patrimônios culturais. Nesse contexto, o presente trabalho apresenta os resultados iniciais sobre a preservação e catalogação de uma coleção paleontológica que está sendo desenvolvida no Laboratório de Biologia do Instituto Federal do Ceará (IFCE) Campus Jaguaribe. Tal coleção está sendo utilizada em estudos científicos e na divulgação científica sobre a importância da preservação desse patrimônio natural. No contexto brasileiro, especialmente no Ceará, conhecido por sua riqueza paleontológica nas formações cretáceas como Crato, Açu e Jandaíra, esta coleção se destaca como uma iniciativa pioneira. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é catalogar e descrever os exemplares fósseis presentes na coleção de paleontologia do Laboratório de Biologia do IFCE Campus Jaguaribe. Os resultados encontrados, demonstram que, desde 2019, foram catalogados 40 lotes de fósseis, predominantemente macrofósseis, que incluem peixes, restos de mamíferos da megafauna, insetos, troncos fossilizados, folhas fossilizadas, conchas, coquinas e icnofósseis, provenientes de várias formações, de nove localidades diferentes, com destaque para fósseis das Formações Açu, Jandaíra e Crato, oriundos das localidades de Quixeré e Nova Olinda. A grande maioria dos fósseis foi coletada em atividades curriculares de campo, os demais, por meio de coletas de projetos e doações. Somam-se 26 fósseis de animais, 6 de plantas e 8 de outros tipos, sendo um marco significativo para a instituição e para a paleontologia regional. Esta coleção está sendo utilizada principalmente em atividades de ensino e de extensão na divulgação no próprio *campus* e em escolas da região. Contudo também estão sendo realizadas pesquisas com base nos materiais depositados nessa coleção. Este trabalho não só enriquece o conhecimento científico e educacional, mas também fortalece a base para futuras pesquisas e iniciativas de conservação na região do Vale do Jaguaribe, consolidando a importância das coleções paleontológicas para o patrimônio nacional.



COLEÇÃO PALEONTOLÓGICA DA UNILA: ELABORAÇÃO DE POLÍTICA DE CURADORIA E ANÁLISE DO POTENCIAL DIDÁTICO E CIENTÍFICO

G.L.S. OLIVEIRA¹, H.J. SCHMITZ¹

¹Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1000, Pólo Universitário, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

gls.oliveira.2017@aluno.unila.edu.br, hermes.schmitz@unila.edu.br

A manutenção de coleções paleontológicas é de responsabilidade das instituições que as resguardam como patrimônio da União. Sua curadoria é atividade importantíssima para que este material continue a ser preservado e possa alimentar publicações, além de ser acessado pelo público geral. A coleção paleontológica da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, dispõe em seu acervo invertebrados marinhos, peixes, mesossauros e troncos. Esses fósseis são provenientes principalmente de coletas realizadas nos estados do Paraná e Santa Catarina, durante atividades de campo de ensino de graduação. Também compõem o acervo itens cedidos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), réplicas de crânios de homínídeos e doações independentes. Por se tratar de uma coleção jovem e majoritariamente didática, as condições de armazenamento dos fósseis não são ideais. Este projeto tem como objetivos (1) realizar um levantamento quantitativo da Coleção Paleontológica da UNILA em seu estado atual, (2) elaboração de uma política de curadoria para a incorporação de novos fósseis ao acervo e (3) melhor acondicionamento da coleção, (4) atualização dos registros de tombo, (5) confecção de caixas expositivas com material didático representativo e (6) avaliar o interesse científico dos exemplares. Até o momento, a coleção possui 303 amostras provenientes de 8 localidades de 6 municípios do Sul do Brasil, totalizando 313 registros fósseis, principalmente das Formações Mafra e Ponta Grossa, datadas do Paleozoico. Destes, 214 espécimes estão contidos em 191 amostras de rocha coletadas em campo, 99 em amostras de rocha doadas pela UFPR e 12 sem registro de data e localidade de origem. Os próximos passos são a consolidação da política de curadoria, emissão de etiquetas atualizadas e a confecção das caixas expositivas, junto da análise de interesse científico dos espécimes. A curadoria desta Coleção Paleontológica visa a manutenção a longo prazo da coleção, tornando-a mais acessível para fins científicos e educacionais tanto em sala de aula quanto em ações com o público de dentro e fora da Universidade. [UNILA/PAPADE 2024.2 113/2024/PROGRAD]



A DIGITALIZAÇÃO DOS LIVROS DE TOMBO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CONTROLE DOS ACERVOS PALEONTOLÓGICOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (MHN-UFAL)

V.M.L. FONSECA¹, J.L.L. SILVA¹, A.P.L. DA SILVA¹, E.L.F. FARIAS¹, A.L. DE BARROS¹

¹Laboratórios Integrados de Paleontologia e Espeleologia, Museu de História Natural de Maceió, Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Maceió, AL, Brasil.
viktor_monte2009@hotmail.com, jorge.silva@icbs.ufal.br, lakes_br@yahoo.com.br, emmanuel.farias@icbs.ufal.br, alcides.barros@icbs.ufal.br

O registro de tombo é peça fundamental para sistematização de acervos técnicos, a fim de ter um controle sobre o material salvaguardado. Na Paleontologia, o uso desse registro se torna imprescindível para identificação e classificação dos fósseis provenientes de diversas origens, além de facilitar o processo de busca no ambiente de guarda. Com os avanços tecnológicos, a digitalização dos dados físicos obtidos nos experimentos, se torna cada vez mais rotineira, facilitando a busca dos dados sobre o material estudado. Este trabalho visa a digitalização dos livros de tombo do acervo de Paleontologia do Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (MHN-UFAL) sob a responsabilidade do Laboratórios Integrados de Paleontologia e Espeleologia (LIPE). Utilizamos o *software* Excel 2016 (Microsoft) para classificar o acervo nas seguintes planilhas: Paleovertebrados; Paleoinvertebrados; Paleobotânica e Icnofósseis. Cada planilha com as respectivas informações para cada material: N° do Livro de Tombo; Página; N° de Tombo; Estante/Armário; Táxon; Fragmento (A, B); Estrutura do Exemplar; Espécime; Localidade; Coordenadas; Geologia da Área; Coletor e Data. Além de conter tabelas dinâmicas que ajudam na coleta de dados quantitativos dos fósseis em relação aos espécimes, nas estruturas anatômicas relacionadas em relação a fossildiagênese e regiões de origem. Por fim, contém um localizador de informações que utiliza a base dos diferentes livros. A digitalização, possibilita melhor compartimentalização e facilita a visualização e análise dos materiais presentes. A preservação digital dos livros não exclui o uso da versão física, sendo este também, patrimônio material de acervos guardados em museus e coleções didáticas/científicas.



A COLEÇÃO DE HOLÓTIPOS DO ACERVO PALEONTOLÓGICO DA UFC

M.M. BORGES¹, L.F. SILVA¹, M. MENDES³

³Departamento de Biologia, Universidade Federal do Ceará, Bloco 906, Avenida Mister Hull, S/N - Campus do PICI, 60440-900, Fortaleza, CE, Brasil. ²Departamento de Geologia, Universidade Federal do Ceará, Bloco 912, Avenida Mister Hull, S/N - Campus do PICI, 60440-900, Fortaleza, CE, Brasil.
maiara27@alu.ufc.br, lucasfsilva@alu.ufc.br, paleonto@ufc.br

Coleções Biológicas constituem uma ferramenta de valor imensurável para o estudo e a compreensão da biodiversidade, além de reter informações acerca da distribuição das espécies em análise espacial e temporal. Apesar de extintos, espécimes fósseis são de extrema relevância para a compreensão da história de vida na Terra e os holótipos constituem organismos tipos utilizados para descrever e reconhecer espécies, tornando sua catalogação e preservação essencial para a Paleontologia. O acervo paleontológico da Universidade Federal do Ceará é constituído de três coleções, a coleção didática (CD) composta de fósseis sem registro de local de coleta, coletor e até mesmo unidade geológica, estes fósseis são utilizados nas aulas práticas, na segunda, a coleção reserva técnica (CRT), onde estão depositados os exemplares com todas informações como localização, quem coletou, quando foi feita a coleta e unidade geológica, sendo portanto, disponível a pesquisa e por último, a coleção de holótipo (CH) que reúne as espécies que foram reconhecidas em publicações indexadas e armazenadas em outro local, com maior segurança. Atualmente, a coleção possui 36 holótipos e 5 parátipos tombados, sendo 3 vertebrados (pterossauro, anfíbio e quelônio), 30 invertebrados (aracnídeos e insetos), 2 vegetais e 01 fungo. O acervo também está disponível para empréstimo e aceita a deposição de exemplares estudados de outras instituições que necessitam de um repositório. O acervo das três coleções se encontra, neste momento, apenas no livro físico, mas uma versão *online* está sendo implantada com auxílio de bolsistas. A consolidação das coleções vem sendo reconhecida, principalmente por instituições estrangeiras que procuram locais para repatriar exemplares que fazem parte de seus acervos.



